

Os primórdios da filatelia (1843-1870)

Henrique Bunselmeyer Ferreira

E-mail: henrique@cbiot.ufrgs.br

Este artigo, devido à sua extensão, foi dividido em quatro partes, que serão publicadas em números consecutivos do *Rio Grande Filatélico*. A organização do artigo é a seguinte:

Parte I

Os primeiros selos

 Emissões oficiais

 Emissões locais

Os primeiros selos picotados

Os primeiros inteiros postais

Referências bibliográficas I

Referências eletrônicas I

Apêndice I (Emissões de 1851 a 1870)

Parte II

A metodologia inicial

Os primeiros colecionadores

 Inglaterra

 França

 Espanha

 Alemanha

 Outros países

Referências bibliográficas II

Referências eletrônicas II

Parte III

Os primeiros comerciantes de selos

Os primeiros leilões

As primeiras falsificações

Referências bibliográficas III

Referências eletrônicas III

Parte IV

As primeiras publicações

 Catálogos

 Periódicos

 Álbuns

As primeiras sociedades filatélicas

Os primórdios da filatelia no Brasil

Referências bibliográficas IV

Referências eletrônicas IV

Nota 1: É importante salientar que, durante o trabalho de pesquisa para a elaboração deste artigo, foram encontradas algumas discordâncias entre dados históricos citados por

diferentes autores. Por isso, estas informações foram, sempre que possível, verificadas em mais de uma fonte de referência, tendo sido incluídas no texto aquelas com concordância entre dois ou mais autores independentes. Quando isso não era possível, seguia-se a fonte bibliográfica/eletrônica disponível de maior consistência do ponto de vista histórico. Quaisquer reparos ou eventuais correções serão muito bem-vindos e poderão ser encaminhados, por *e-mail*, ao autor, juntamente com a citação da respectiva fonte de referência.

Nota 2: algumas referências bibliográficas e eletrônicas são comuns a uma ou mais partes do artigo e, por isso, aparecerão em mais de uma das listagens apresentadas.

Nota 3: o tamanho dos selos nas ilustrações não é o original. Na maioria dos casos, eles foram ampliados para melhor visualização dos detalhes, desde que isso não afetasse a resolução da imagem.

Parte I

Os primeiros selos

Emissões oficiais

As emissões oficiais são aquelas emitidas por uma autoridade governamental constituída. Essas emissões, para serem consideradas como tal, além de serem de responsabilidade de órgãos governamentais, não devem ter tido qualquer restrição de uso ou circulação dentro do território do país emissor. Em oposição às emissões oficiais estão aquelas chamadas de locais, que serão tratadas na próxima seção. Os dois tipos de emissão têm valor filatélico, mas é comum que apenas as emissões oficiais sejam consideradas para a elaboração de uma cronologia das primeiras emissões de selos postais.

O primeiro selo postal oficial, o *Penny Black* inglês (Figura 1A), foi emitido em 6 de maio de 1840; dois dias depois, foi emitido o *Twopenny Blue* (Figura 1B). Os dois selos estampavam a efígie da Rainha Victoria, que reinou de 1837 a 1901, baseada na *Wyon city medal* (Figura 2). A data de emissão do *Penny Black* é geralmente considerada como a data de início da filatelia. Entretanto, as atividades filatélicas só começaram a ganhar destaque alguns anos mais tarde, quando uma massa crítica de colecionadores começou a ser formada, a partir do acúmulo de emissões em diferentes países.



Figura 1 – O *Penny Black* (à esquerda) e o *Twopenny Blue* (à direita) ingleses.



Figura 2 – A *Wyon city medal*, uma medalha gravada por William Wyon (1795-1851), que foi cunhada em 1837 para celebrar a primeira visita da rainha Victoria a Londres, após a sua coroação. A medalha representa Victoria quando ela tinha 15 anos, em 1834, e ainda era princesa.

A idéia de criar o selo postal foi do inglês Rowland Hill (Figura 3), que escreveu, em 1837, um panfleto intitulado “*Post Office Reform: Its Importance and Practibility*”. As idéias contidas neste panfleto, posteriormente submetidas ao parlamento britânico, constituíram as bases da reforma postal na Inglaterra, efetivada em 1840. A partir desta reforma, que, mais tarde, inspirou reformas similares nos serviços postais de outros países, as despesas de transporte de correspondência deixaram de ser pagas pelos destinatários, passando a ser pagas, antecipadamente, pelos remetentes. O selo postal adesivo foi, portanto, criado para ser o comprovante do efetivo pagamento prévio do porte da correspondência.

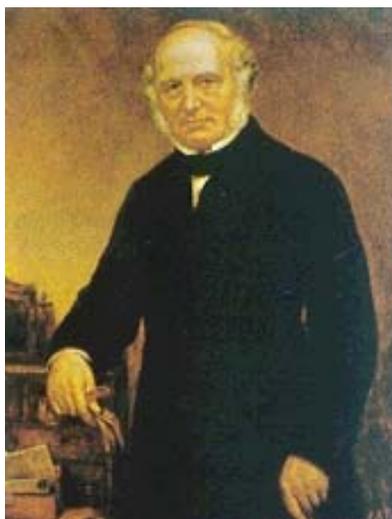


Figura 3 – *Sir Rowland Hill* (1795-1879), o criador do selo postal.

Aos selos pioneiros ingleses, emitidos entre 1840 e 1841, seguiram-se os não menos famosos “Olhos-de-Boi” brasileiros (Figura 4), emitidos em 1º de agosto de 1843, que garantiram ao Brasil o posto de segundo país a emitir selos postais.



Figura 4 – Os “Olhos-de-Boi” brasileiros.

Os Estados Unidos tornaram-se o terceiro país a emitir selos postais, em 1º de julho de 1847, quando foram começaram a circular os primeiros selos americanos de emissão federal (Figura 5). Em 21 de setembro, foi a vez das Ilhas Maurício, no Oceano Índico, então uma colônia britânica, emitir a sua famosa primeira série, com selos com a inscrição incorreta “*Post Office*”, ao invés de “*Post Paid*” (Figura 6). Seguiram-se, em 1849, as primeiras emissões da França (em 1º de janeiro), da Bélgica (em 1º de julho) e do Estado Alemão da Bavária (em 1º de novembro) e, em 1850, as de diversos outros países.



Figura 5 – A primeira emissão dos Estados Unidos.



Figura 6 – A primeira emissão das Ilhas Maurício.

As emissões de 1850 começaram com as primeiras séries da Espanha, em 1º de janeiro, e das colônias britânicas (hoje estados australianos) de Nova Gales do Sul e Victoria (em 1º e 3 de janeiro, respectivamente). Em 7 de abril, aconteceu a primeira emissão federal Suíça, que foi seguida pelas primeiras emissões da Áustria e da então província austríaca da Lombardia-Venetia (ambas em 1º de junho), da Guiana Inglesa (em 1º de julho) e dos Estados alemães da Saxônia (em 29 de junho), da Prússia (em 15 de novembro), de Schleswig-Holstein (em 15 de novembro) e de Hannover (em 1º de dezembro).

Entre 1851 e 1870, outros 124 países, colônias ou territórios com administração postal autônoma tiveram suas primeiras emissões de selos postais. Uma lista destas emissões oficiais, com as respectivas datas iniciais de circulação, pode ser encontrada no Apêndice I, ao final deste artigo. Cabe aqui salientar a primeira emissão da colônia

britânica do Cabo da Boa Esperança, de 1º e setembro de 1853, cujos dois valores triangulares, de 1 *penny* e 4 *pence* (números 1 e 2 catálogo Yvert et Tellier), foram os primeiros selos não-retangulares a serem emitidos (Figura 7).



Figura 7- A emissão de 1853 do Cabo da Boa Esperança, os primeiros selos não retangulares.

Emissões locais

São considerados como locais os selos cuja área de validade e circulação é restrita, dentro de um país. Eles podem ser tanto privados, quando emitidos por entidades (empresas) não-governamentais transportadoras de correspondência, como governamentais, quando emitidos por uma autoridade postal constituída. Houve um número considerável de emissões locais, de diferentes países, que precederam várias daquelas oficiais, de emissão governamental e de circulação irrestrita, descritas na seção anterior. Entretanto, pelo caráter privado e/ou de circulação restrita, as emissões locais são consideradas à parte, não influenciando na ordenação das emissões oficiais. Assim, por exemplo, o Brasil continua com o título de segundo país a emitir selos, apesar de ter sido precedido por emissões locais dos Estados Unidos e da Suíça.

As emissões locais são, em geral, bem menos conhecidas pelos filatelistas do que as emissões oficiais e, por isso, as emissões locais pioneiras serão aqui tratadas à parte. A Tabela 1 sumariza as primeiras emissões locais de vários países, que foram postas em circulação por diferentes entidades, privadas ou governamentais, antes de 1850. A primeira delas ocorreu nos Estados Unidos, onde o *New York City Despatch Service*, um serviço de entrega de correspondência da cidade de Nova Iorque, emitiu, em 1º de fevereiro de 1842, um selo de 3 ¢ (Figura 8) A partir de 1842, 120 empresas transportadoras locais (*local carriers*), de diferentes cidades americanas, emitiram selos locais para franqueio de seus serviços, que eram complementares aos do correio oficial, o qual, na maioria das localidades, não entregava nem coletava correspondência a domicílio. A emissão e a

utilização destes selos de transportadores locais passou a diminuir a partir de 1861, quando um decreto do congresso americano concedeu ao *Department of Post Office* autoridade exclusiva para o transporte de correspondência e a maioria dos serviços locais de entrega/coleta foi descontinuada.

Tabela 1 – As primeiras emissões locais.

Emissor	País	Tipo da emissão	Data
City Despatch Post of New York	Estados Unidos	L	01/02/1842
Zurique	Suíça	L	01/03/1843
Genebra	Suíça	L	30/09/1843
Basiléia	Suíça	L	01/05/1845
Administrador postal de Nova Iorque	Estados Unidos	PP	12/7/1845
David Bryce	Trinidad	P	16/04/1847
Hamilton	Bermudas	PP	1848

L, local; PP, provisória de administrador postal (*postmaster's provisional*); P, privada. Y & T, Yvert et Tellier; NC, não-catalogado; CN, catalogado mas não-numerado.



Figura 8– A primeira emissão local, feita pelo *New York City Despatch Service* em 01/02/1842.

Um segundo tipo de selos locais americanos surgiu e foi utilizado em um intervalo de dois anos (entre 1845 e 1847), determinado pela promulgação de duas leis pelo congresso americano: a de 3 de março de 1845, que simplificava e barateava as tarifas postais, e a de 3 de março de 1847, que autorizava a emissão e a venda dos selos postais (que só começaram efetivamente a circular em 1º de julho de 1847). Assim, após a promulgação da primeira lei, muitos administradores postais locais (*postmasters*) emitiram os chamados selos ‘provisórios de administradores postais’ (*postmasters’ provisionals*), destinados à franquia da correspondência até que os selos federais fossem disponibilizados. A primeira destas emissões foi a do administrador postal (*postmaster*) da cidade de Nova Iorque, Robert H. Morris, em 12 de julho de 1845 (Figura 9), que foi seguida pelas emissões dos administradores postais de Baltimore (MD), Saint Louis (MO), Alexandria

(VA), Boscawen (NH), Brattleboro (VT), Lockport (NY), Millbury, (MA) e Providence (RI).



Figura 9- A primeira emissão provisória de administrador postal americana.

Na Suíça, Alphonse de Candolle propôs, baseado na experiência inglesa, a introdução do selo adesivo postal pago pelo remetente. Três cantões (Zurique, Genebra e Basiléia) emitiram, então, selos locais que antecederam a primeira emissão federal suíça, acontecida somente em 7 de abril de 1850. O cantão de Zurique decidiu, a partir de uma reunião de seu Conselho de Estado, em 21 de janeiro de 1843, emitir selos postais, que foram postos em circulação em 1º de março do mesmo ano (Figura 10). O cantão de Genebra teve seu primeiro selo (o “Duplo de Genebra”) emitido em 30 de setembro de 1843 (Figura 11) e esta emissão atendia não só à comuna Genebra, mas também à de Céligny. O selo duplo (2 x 5 *centimes*) correspondia ao porte intercomunal (isto é de Genebra para Céligny ou vice-versa), enquanto a sua metade (5 *centimes*) correspondia ao porte intracomunal. A Basiléia, por sua vez, efetuou solicitação para a emissão de *franco-étiquettes* ao diretor da Administração Postal Cantonal, Bernouilli Johannes, em 21 de janeiro de 1843, mas seu primeiro e único selo (a “Pomba da Basiléia”) só foi posto em circulação mais de dois anos depois, em 1º de julho de 1845. Este selo (Figura 12), no valor de 2½ *rappen*, cobria o porte de uma carta simples dentro dos limites da cidade; para custeio de cartas a qualquer das outras três comunas do cantão eram necessários dois selos.

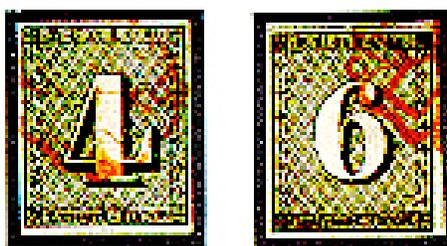


Figura 10 – A emissão de 01/03/1843 do cantão de Zurique, com valores de 2 e 6 *rappen*.



Figura 11 – O “Duplo de Genebra”, emitido em 30/09/1843



Figura 12 – A “Pomba da Basiléia”, selo cantonal emitido em 01/07/1843.

Além dos Estados Unidos e da Suíça, duas colônias britânicas, Trinidad e Bermudas, emitiram selos locais antes de 1850 (Figura 13). A emissão de Trinidad, de 16 de abril de 1848, foi uma emissão privada, feita por David Bryce, proprietário do barco a vapor “Lady MacLeod”. O selo emitido servia à franquia de cartas transportadas pelo vapor de Puerto de España para San Fernando de Trinidad ou vice-versa. A emissão das Bermudas, posta em circulação a partir de 1848, foi de um selo provisório do administrador postal de Hamilton, W. B. Perot.



Figura 13 – As emissões locais pioneiras de Trinidad (à esquerda) e das Bermudas (à direita).

Outras emissões locais pioneiras podem ser conhecidas através da Internet, acessando-se a página www.sk-creation.ch/stamps.philately/stampscollector.html. A partir desta página, podem ser visualizadas listagens, com imagens, das primeiras emissões oficiais e locais de diferentes países e outras entidades emissoras, no período de 1840 a 1870.

Os primeiros selos picotados

A própria firma tipográfica Perkins, Bacon & Petch, responsável pela impressão do *Penny Black* inglês (ver seção “Os primeiros selos”, acima), já era possuidora, em 1840, de uma pequena máquina perfuradora, utilizada para perfurar canhotos de cheques. Antes da impressão dos *Penny Blacks*, foi estudada a possibilidade de utilizar essa mesma máquina para a perfuração das folhas impressas, horizontal e verticalmente, para facilitar a separação dos selos. Contudo, essa idéia acabou por ser abandonada na época, pois, devido à proximidade dos selos entre si, a perfuração entre eles foi considerada impraticável.

Mais tarde, em 1º de outubro de 1847, Henry Archer, um irlandês que trabalhava como ferroviário em Londres, submeteu uma proposta para a perfuração de folhas de selos postais ao *English Postmaster General*. A sua proposta foi aceita e Archer foi comissionado para desenvolver suas máquinas perfuradoras, baseadas no processo de perfuração por impacto (*stroke process*), patenteado por ele. Duas máquinas foram contruídas e diversos testes foram realizados. O principal problema dos primeiros

protótipos era a eliminação dos pequenos discos de papel resultantes da perfuração, que se acumulavam nas máquinas e acabavam por emperrá-las.

O *Penny Red* inglês (número 3 do catálogo Yvert et Tellier), emitido inicialmente em 1841, foi o selo mais utilizado nos testes então realizados, que empregaram diferentes folhas, com variedades de filigrana e chapa (Figura 14). Esses selos experimentalmente perfurados foram vendidos nos correios e utilizados na postagem de cartas (Figuras 15), sendo, por isso, considerados os primeiros selos picotados, embora a picotagem não tenha sido feita oficialmente. Além disso, em muitos casos, a picotagem tinha sérios problemas de alinhamento (Figura 16), o que, entretanto, não impedia a utilização dos exemplares defeituosos.



Figura 14 – Exemplos de *penny reds* picotados experimentalmente por Archer. Eles são facilmente reconhecíveis pelo fato de apresentarem letras apenas nos dois cantos inferiores, o que indica que foram emitidos antes de 1854, ou seja, originalmente não picotados. Posteriormente, letras nos quatro cantos passaram a ser adotadas e os *penny reds* já eram picotados oficialmente.



Figura 15 – Envelope inglês circulado de Dartmouth para Plymouth, tendo como franquia selo de 1d (da rara chapa 100) picotado experimentalmente por Archer. O selo foi cancelado em 16 de dezembro de 1850 (conforme carimbo datado presente no verso do envelope) por um carimbo numeral (237) de Dartmouth, em azul.



Figura 16 – Selos picotados experimentalmente por Archer com problemas de alinhamento das perfurações em relação ao desenho. Como pode ser observado, esses selos, apesar de defeituosos, foram utilizados na franquia postal.

As máquinas perfuradoras de Archer nunca chegaram a funcionar satisfatoriamente e acabaram por ser abandonadas. Elas foram substituídas por máquinas perfuradoras fabricadas pela empresa David Napier & Sons, que foram as responsáveis pela perfuração dos selos ingleses emitidos a partir de 1854, que foram os primeiros selos postais oficialmente picotados (Figura 17).



Figura 17 – O *Penny Red* emitido em 1854, o primeiro selo oficialmente picotado do mundo. Note a presença de letras nos quatro cantos do selo, características dessa emissão.

No Brasil, os primeiros selos a serem emitidos oficialmente picotados foram os da emissão de 1º de julho de 1866, que foram impressos (e perfurados) pela *American Bank Note Co.* de Nova Iorque. Entretanto, antes disso, entre 1863 e 1864, já havia tratativas na Administração Geral dos Correios para aquisição de uma máquina perfuradora. Considerada vantajosa apenas para correios com um alto volume de correspondência, tal máquina teria sido adquirida pelo Correio Geral da Corte, no Rio de Janeiro, em meados de 1864. Mais tarde, no início de 1866, uma ou mais máquinas perfuradoras foram também adquiridas pela Casa da Moeda. Essas máquinas foram utilizadas para a picotagem dos selos “Verticais” e “Coloridos” (números 11B a 18B e 19B a 22B do Catálogo RHM), que foram, de fato, os primeiros selos a serem picotados no Brasil (Figura 18). Essa perfuração extra-oficial e pouco cuidadosa era feita pelos próprios funcionários dos correios, que também perfuravam com as mesmas máquinas talonários e outros documentos.



Figura 18 – Os primeiros selos picotados no Brasil: os “Verticais” e os “Coloridos”, perfurados extra-oficialmente em 1866.

Os primeiros inteiros postais

A lei da Reforma Postal Inglesa, promulgada em 11 de agosto de 1839, instituiu não só o selo postal adesivo, mas também as “cartas-bilhete” e os “envelopes selados”. Assim, quando em 6 de maio de 1840 foi emitido o *Penny Black* (ver seção “Os primeiros selos”, acima), também foram postos em circulação os primeiros inteiros postais. Esses primeiros inteiros postais, também idealizados por Rowland Hill, eram envelopes e cartas-bilhete pré-franqueados que foram desenhados por William Mulready, ficando, por isso, conhecidos como “envelopes Mulready”.

Os envelopes Mulready eram vendidos abertos, devendo ser dobrados pelo usuário, e o custo de cada um era o do porte (1 *penny* ou 2 *pence*) mais um adicional de $\frac{1}{4}$ *penny*. Eles eram freqüentemente utilizados em combinação com selos adesivos, para complementação do porte (Figura 19).



Figura 19 – Envelopes Mulready de 1 *penny* (à esquerda), com porte complementado por um *Penny Black*, e de 2 *pence* (à direita), com porte complementado por cinco *Twopenny Blues*. O envelope à esquerda é uma grande raridade, pois foi postado em 6 de maio de 1840, data de emissão tanto do envelope como do selo. Ele é, portanto, o primeiro envelope de primeiro dia de circulação da história da filatelia.

Rowland Hill esperava que as cartas-bilhete e os envelopes selados se tornassem os principais veículos para o envio de correspondência. Entretanto, a rejeição às ilustrações exageradas e ao custo e manipulação adicionais necessários à utilização dos envelopes Mulready, fez com que o público preferisse a utilização dos selos adesivos. Conseqüentemente, os envelopes Mulready foram utilizados por um curto período e logo retirados de circulação, sendo a maior parte do estoque remanescente incinerada.

Devido ao curto período de circulação e à eliminação quase que imediata de seus estoques, os envelopes Mulready, especialmente os circulados, tornaram-se peças relativamente raras e bastante interessantes para os colecionadores especializados. Além disso, o fato deles serem os primeiros inteiros postais da história da filatelia também contribuiu sobremaneira para estimular a procura pelos envelopes Mulready. São também colecionados os envelopes coloridos à mão por usuários que apreciaram as ilustrações de William Mulready, representando *Britannia* enviando cartas para o mundo, e imitações caricatas da época, destinadas a ridicularizar os envelopes oficiais.

Referências bibliográficas (Parte I)

- Abadal, J. *Diccionario Filatélico*. Tárrega (Espanha), 1973.
- Caurat, J. *ABC da Filatelia*. Lisboa, 1979.
- Guatemosim, D. *Miscelanea Historica, Postal e Filotelica Nacional*. São Paulo, 1935.
- Melville, F. J. *Stamp Collecting*. Kent, Hodder & Stoughton Ltd., 1973
- Paula Sobrinho, J. F. *História Postal de Minas Gerais (Caminhos, Correios, Formação)*. Belo Horizonte, O Lutador, 1997.
- Rouge-Brique. Os selos picotados de 1866. *O Philatelista*, 2: 19-20, 1928.
- Scott 1993 Standard Postage Stamp Catalogue. Sidney, OH, Scott Publishing Company, 1993.
- Serrano Pareja, A. *Coleccionismo de Sellos*. Madrid, 1979.

Referências eletrônicas (Parte I)

- Alphabetilately. *M is for Mulready Envelopes*. alphabetilately.com/M.html
- Apfelbaum Philatelic Library. www.apfelbauminc.com/library.htm
- AskPhil. *Glossary of Stamp Collecting Terms*. www.askphil.org/b25.htm
- Baadke, M. *U.S. provisionals, locals and carriers' stamps*. www.linns.com/howto/refresher/provisionals_20000124/refreshercourse.asp?uID=
- Baadke, M. *Postal reforms brought about the first stamps*. www.linns.com/howto/refresher/firststamps_19991122/refreshercourse.asp?uID=
- Doig's Ethiopia Stamp Catalogue. <http://doig.net/EthiHome.html>
- Dutta, A. *World's First Stamp*. www.geocities.com/dakshina_kan_pa/art11/penny.htm
- Filahome Stamp Collecting Encyclopaedia. www.absufacts2.com/sce/intro.htm

Gerritsen, R. *Cape of Good Hope Triangle Stamps*. [home.iae.nl/users/triangle/country/cape/Great Britain Victorian Stamps. The Penny Black](http://home.iae.nl/users/triangle/country/cape/Great%20Britain%20Victorian%20Stamps.%20The%20Penny%20Black).
<http://imagesoftheworld.org/stamps/info.htm>

Glassine Surfer. www.glassinesurfer.com

Jonz Stamping Ground. *The Penny Red*.
www.useless.connectfree.co.uk/pennyred/pennyred.htm

K & C Philatelics. *Line engraved rarities*. www.kcphilatelics.co.uk/lerarities.htm

Klug, J. *How well do you know stamp perforations?*
www.linns.com/howto/refresher/perforations_20020701/refreshercourse.asp?uID=

Linn's.com. *Refresher course*. www.linns.com/howto/refresher/refresherindex.asp?uID=

Norbe, T. The Story about the SPIFS and PERFINs. www.norbyhus.dk/perfin18.html

Perkins, Bacon & Co. *Extract from records of the Heath family 1913*.
www.jjhc.info/perkinsbacon&co.htm

Philately Powered by S.I.P.A. *Glossary*. www2.india4u.com/sipa/glossary_a.asp

S. K. Creation. *The high reputation of the classical postage stamps 1840-1870: chronological and official date of the issues*. <http://www.sk-creation.ch/stamps.philately/stampcollector.html>

Sammler.com. *Stamp history, a short overview of the world of stamps*.
www.sammler.com/stamps/history.htm

Stamp2.com. *Distinguished philatelists*.
www.stamp2.com/community/distinguish/site/default.asp

The Mauritius "Post Office" Stamps. www.stampsmauritius.com/PostOfficeStamp.htm

Timbres suisses de collection: Histoire du timbre-poste suisse de 1843 à nous jours.
www.timbressuisses.ch

US Stamps – A Pictorial Guide. www.theswedishtiger.com/usstamps/

Wikipedia. *Postage stamp separation*. www.wikipedia.org/wiki/Postage_stamp_separation

Selografia

Figura	País	Ano	Numeração do catálogo Yvert et Tellier	Numeração do catálogo Scott
1	Inglaterra	1840	1 e 2	1 e 2
2	Brasil	1843	1 a 3	1 a 3
5	Estados Unidos	1847	1 e 2	1 e 2
6	Ilhas Maurício	1847	1 e 2	1 e 2
7	Cabo da Boa Esperança	1853	1 e 2	1 e 2

8	Estados Unidos (<i>City Despatch Post of New York</i>)	1842	NC	40L1
9	Estados Unidos (Administrador Postal de Nova Iorque)	1845	1	9X1
10	Suíça (Zurique)	1843	9 e 10	1L1 e 1L2
11	Suíça (Genebra)	1843	1	2L1
12	Suíça (Basiléia)	1845	8	3L1
13	Trinidad (David Bryce)	1847	1	CN
13	Bermudas (Hamilton)	1848	1	X1
14	Inglaterra	1841	3	3
15	Inglaterra	1841	3	3
16	Inglaterra	1841	3	3
17	Inglaterra	1854	8	8
18	Brasil	1850 1854-61	11 a 18 19 a 22	11 a 18 19 a 22
19 (selos)	Inglaterra	1840	1 e 2	1 e 2
19 (envelopes)	Inglaterra	1840	NC	U1 e U2 (se envelopes) ou U3 e U4 (se cartas-bilhete)

NC, não-catalogado; CN, catalogado mas não-numerado.

APÊNDICE I

Datas das primeiras emissões de países, colônias ou territórios com administração postal autônoma cujos selos começaram a circular entre 1851 e 1870.

Emissor	Data da primeira emissão
Sardenha	01/01/1851
Dinamarca	01/04/1851
Toscana	01/04/1851
Canadá	23/04/1851
Baden	01/05/1851
Nova Escócia	01/09/1851
Novo Brunswick	01/09/1851
Havaí	04/10/1851
Württemberg	15/10/1851
Brunswick	01/01/1852
Países Baixos	01/01/1852
Ilha da Reunião	01/01/1852
Estados Pontificais	01/01/1852
Oldenburg	05/01/1852
Thurn & Taxis	29/01/1852
Barbados	15/04/1852
Módena	01/06/1852
Parma	01/06/1852
Índia Inglesa	01/07/1852
Luxemburgo	15/09/1852
Chile	01/07/1853
Portugal	01/07/1853
Cabo da Boa Esperança	01/09/1853
Tasmânia	01/11/1853
Filipinas	01/02/1854
Austrália Ocidental	01/08/1854
Índia	01/10/1854
Antilhas Espanholas	01/01/1855
Noruega	01/01/1855
Austrália do Sul	01/01/1855
Bremen	10/04/1855
Suécia	01/07/1855
Nova Zelândia	18/07/1855
Antilhas Dinamarquesas	Novembro de 1855
Santa Helena	01/01/1856
Finlândia	01/03/1856
Mecklembourg-Schwerin	01/07/1856
México	01/08/1856
Corrientes	21/08/1856
Uruguai	01/10/1856
Terra Nova	01/01/1857
Ceilão	01/04/1857
Natal	Mai de 1857
Peru	01/12/1857
Nápolis	01/01/1858
Rússia	01/01/1858
Buenos Aires	29/04/1858
Argentina	01/05/1858
Moldávia (Romênia)	15/07/1858
Córdoba	28/10/1858
Hamburgo	01/01/1859
Lübeck	01/01/1859
Sicília	01/01/1859
Venezuela	01/01/1859
Ilhas Ionianas	15/05/1859
Bahamas	10/06/1859
Colômbia	Agosto de 1859
Estado Romano	01/09/1859
Serra Leoa	21/09/1859
Colônias Francesas	1859
Nova Caledônia	01/01/1860
Polônia	01/01/1860
Columbia Britânica e Ilha de Vancouver	Abril de 1860
Queensland	01/11/1860
Jamaica	23/11/1860
Malta	01/12/1860
Santa Lúcia	18/12/1860
Libéria	1860
Ilha do Príncipe Edward	01/01/1861
São Vicente	Mai de 1861
Grenada	Junho de 1861
Grécia	01/10/1861
Bergedorf	01/11/1861
Itália	Fevereiro de 1862

Antígua	Agosto de 1862
Nicarágua	02/12/1862
Hong Kong	08/12/1862
Turquia	01/01/1863
Levante Russo	Janeiro de 1863
Costa Rica	Abril de 1863
Bolívar	1863
Wenden	1863
Mecklembourg-Strelitz	1864
Holstein	01/03/1864
Schleswig	10/03/1864
Índia Holandesa	01/04/1864
Soruth	1864
Equador	15/02/1865
Bermudas (emissão oficial)	25/09/1865
República Dominicana	19/10/1865
Shangai	1865
Egito	01/01/1866
Honduras	01/01/1866
Honduras Britânicas	Janeiro de 1866
Bolívia	1866
Cachemira (Jummo)	Março de 1866
Sérvia	01/05/1866
Ilhas Virgens	1866
Ilhas Turks	04/04/1867

Levante Austríaco	Junho de 1867
Malacca	01/09/1867
Heligoland	1867
El Salvador	1867
Confederação da Alemanha do Norte	01/01/1868
Açores	01/01/1868
Madeira	01/01/1868
Orange	01/01/1868
Antióquia	1868
Hungria (selos para jornais)	20/06/1868
Ilha de Fernando Poo	Setembro de 1868
Pérsia	1868
Sarawak	01/03/1869
Gâmbia	Março de 1869
Transvaal	1869
Haiderabad	1869
São Cristovão	01/04/1870
Angola	Julho de 1870
Paraguai	01/08/1870
Alsácia-Lorena (Ocupação Alemã)	Setembro de 1870
Afganistão	01/11/1870
Fiji	01/11/1870
Cundinamarca	1870
São Tomé e Príncipe	1870

Os primórdios da filatelia (1843-1870)

Henrique Bunselmeyer Ferreira
henrique@cbiot.ufrgs.br

Parte II

A metodologia inicial

Nos primórdios da filatelia, a disponibilidade de selos era bastante limitada. Para isso contribuía o número relativamente pequeno de emissões colocadas em circulação e a dificuldade de obtenção dos selos emitidos em países distantes daquele em que residia o colecionador, por problemas de transporte e pela inexistência, à época, de um comércio especializado. Neste contexto, vigente nas duas primeiras décadas da filatelia, os colecionadores eram bem menos seletivos ou especializados que os atuais e as coleções em geral eram universais, não ficando restritas a países específicos. Além disso, todo tipo de material era acumulado, sem muito critério, pelos filatelistas pioneiros, que buscavam avidamente não só as emissões postais (oficiais ou locais), mas também selos não-postais (“cinderelas”), como os destinados ao porte de jornais e telegramas e as etiquetas beneficentes ou publicitárias, provas e ensaios (mesmo aqueles produzidos especificamente para colecionadores e não relacionados a qualquer emissão postal), reimpressões, reproduções e falsificações. Logo que começaram a aparecer (ver seção “As primeiras falsificações”), também eram colecionadas as emissões de fantasia (selos fictícios de países ou outras entidades emissoras reais ou também fictícias).

Muito em função da necessidade de diferenciação entre selos autênticos e as falsificações que apareciam no mercado filatélico, começaram a ser estudadas filigranas, perfurações, tipos de papel e goma dos selos postais. Essa corrente científica da filatelia, liderada inicialmente pelos franceses, ganhou força a partir da década de 1860 e levou ao desenvolvimento de novas metodologias por parte dos colecionadores e à criação de novas classes de variedades colecionáveis, além daquelas decorrentes de alterações de impressão ou de cor.

Dois expoentes da filatelia científica foram o belga Lucian François Hanciau e o francês Jacques Amable Legrand (ver seção “Os primeiros colecionadores”). Hanciau foi o autor de competentes estudos, com farta documentação, sobre selos de diversos países. Ele também escreveu, em 1862, o *Manuel du Collectionneurs de Timbres-Poste* e foi o autor do grande catálogo de Moens, em suas numerosas edições (ver seção “As primeiras publicações”). Legrand (Figura 1), por sua vez, é considerado por muitos como o fundador da “filatelia científica”. Ele foi um dos primeiros filatelistas a estudar filigranas e propôs, em artigo publicado em 1866, o sistema de contagem de dentes em um espaço fixado em dois centímetros, que é, até hoje, a base dos odontômetros utilizados para medição da picotagem dos selos.



Figura 1 - Jacques Amable Legrand (1820-1912), o pai da filatelia científica.

A aceitação de variedades de filigrana, papel e goma determinou também a necessidade de exame do verso dos selos, o que era incompatível com a prática vigente, de colá-los diretamente sobre cadernos e álbuns. Em decorrência desta necessidade, foi criada a charneira gomada, já mencionada em um anúncio da edição de maio de 1864 da revista inglesa *The Stamp Collector's Magazine*. Muitos consideram, entretanto, que o criador da charneira foi o francês Arthur Maury (ver seção “Os primeiros comerciantes”, Parte III), que propôs a sua utilização em um álbum de selos publicado por ele em 1868.

O interesse pela goma também determinou o início da procura por selos novos, inicialmente pouco valorizados. De fato, as coleções iniciais eram predominantemente formadas por selos usados, que eram considerados mais autênticos, por terem efetivamente cumprido com a função para a qual foram criados. Além disso, as exigências iniciais em relação ao estado dos exemplares colecionados eram bastante modestas, sendo dada maior atenção à raridade do que ao estado de conservação dos mesmos.

A escola de filatelia científica francesa foi, inicialmente, contestada pela escola britânica. O inglês John Edward Gray, considerado o primeiro filatelista (ver seção “Os primeiros colecionadores”), por exemplo, sustentava que os colecionadores deveriam preocupar-se exclusivamente com o desenho e o valor do selo, desconsiderando aspectos como variações de cor, papel, perfuração etc. Esta visão também era corroborada por J. H. Greenstreet, outro colecionador inglês, que publicava seus artigos sob o pseudônimo de “Pendragon”. Greenstreet foi protagonista da grande “controvérsia de Pendragon”, a partir da publicação do seu artigo intitulado “*A few remarks on the English and French schools of philately*”, no *The Stamp's Collector Magazine*, de março de 1868, no qual afirmava que a abordagem científica francesa era “absurda, fútil e perniciosa”.

Apesar da resistência contrária, a escola francesa ditou as regras da filatelia nas décadas de 1850 e 1860. Com isso, a visão de Gray, Greenstreet e dos filatelistas britânicos em geral acabou mudando, levando-os a renderem-se à filatelia científica. Em 1867, Gray e outro filatelista inglês, Edward Loines Pemberton (ver seção “Os primeiros colecionadores”), já defendiam o cientificismo filatélico. Aos britânicos, juntaram-se os alemães, que, a partir da vitória na guerra franco-prussiana de 1870, passaram a ter hegemonia na Europa. Isso acabou levando à formação de uma escola filatélica anglo-germânica, que se tornaria a predominante na década de 1870. Esta escola, além de

cientificista era nacionalista, e isso, associado ao aumento do número de emissões de selos em todo o mundo, determinou uma transição na qual a ênfase dada às coleções universais foi paulatinamente substituída por uma preferência por coleções de países específicos.

Os primeiros colecionadores

Existem poucos dados disponíveis sobre os colecionadores das duas primeiras décadas da filatelia, devido à ausência de uma imprensa especializada, que só começou a florescer na década de 1860. Assim, maiores informações são disponíveis apenas a respeito daqueles filatelistas pioneiros que permaneceram ativos e em evidência após 1860. Além disso, os registros iniciais são mais abundantes para filatelistas da Inglaterra e da França, países onde a imprensa filatélica se desenvolveu mais precoce e rapidamente. A seguir, serão apresentados, sem a pretensão de esgotar o assunto, alguns destes filatelistas, que estão entre os que mais se destacaram e a respeito dos quais mais informações são conhecidas. Outros nomes destacaram-se não só como colecionadores, mas também, ou alternativamente, como comerciantes ou editores especializados em filatelia, por exemplo, e serão tratados nas seções correspondentes das Partes III e IV deste artigo.

Inglaterra

Admite-se que o inglês John Edward Gray (Figura 2), zoólogo do *British Museum*, tenha sido o primeiro colecionador de selos. Ele comprou uma quadra de *Penny Blacks* em 1º de maio 1840, isto é, cinco dias antes deles serem oficialmente colocados em circulação (ver seção “Os primeiros selos”, na Parte I). Em 1840, ele era possuidor dos dois únicos selos emitidos até então, o *Penny Black* e o *Twopenny Blue*, dos quais colecionava também as variedades de chapa e cor e diferentes carimbos. Ele foi também o autor do primeiro anúncio solicitando o intercâmbio de selos, publicado no jornal *The Times*, de Londres, em 17 de julho de 1841. Com este anúncio, Gray esperava conseguir exemplares suficientes para reconstituir uma folha completa (de 240 selos) de *Penny Blacks* carimbados.



Figura 2 – John Edward Gray (1800-1875), o primeiro colecionador de selos.

A primeira mulher colecionadora teria sido também uma inglesa, de sobrenome Harrison, de Yorkshire. Ainda em 1840, com apenas 10 anos de idade, ela teria iniciado sua coleção com alguns exemplares do *Penny Black* VR, presenteados a ela por uma das damas de companhia da própria rainha Victoria. Esse selo (Figura 3), com as iniciais V e R, de

“Victoria Regina”, nos cantos superiores esquerdo e direito, respectivamente, foi impresso para utilização em correspondência oficial, mas acabou não sendo posto em circulação, sendo filatelicamente considerado como não-emitido. Harrison teria continuado sua coleção com ensaios e provas do *Penny Black*, obtidos diretamente de Rowland Hill. Em 1910, com a idade de 80 anos, ela ainda estava colecionando selos ativamente, tendo sido mencionada em um artigo publicado na revista americana *Mekkel’s & Stamps Magazine*.



Figura 3 – Um par do *Penny Black* VR não-emitido

Willian Amos Scarborough Westoby (1815-1899), um advogado, também teria sido um colecionador ativo desde a década de 1840. Ele costumava ir frequentemente a Paris, onde, em 1863, encontrou-se com Frederick Philbrick (ver abaixo) do qual tornou-se um grande amigo. Westoby foi um escritor filatélico bastante prolífero, assinando seus artigos geralmente sob o pseudônimo de “*A Parisian Collector*” (um colecionador parisiense). Ele foi o primeiro possuidor conhecido de um exemplar da rara variedade azul do selo de 2 *reales* espanhol de 1851 (número 8a do catálogo Yvert & Tellier), o qual ele teria adquirido em 1867.

Anne Whitear (1812-1888), outra inglesa, começou sua coleção no início da década de 1850. Em 1865, aos 52 anos de idade, ela possuía 184 selos diferentes e, em fevereiro de 1886, sua coleção havia sido aumentada para 396 selos. Anne Whitear foi tataravó de James-Grimwood-Taylor, atual proprietário da casa de leilões *Cavendish Philatelic Auctions Ltd.* (de Derby, Inglaterra), que ainda conserva sua coleção. Grimwood-Taylor também mantém a coleção de uma sobrinha de Anne, Fanny Whitear (1843-1929), que está organizada no álbum de Moens, editado em maio de 1864 (ver seção “As primeiras publicações”).

Outra importante colecionadora inglesa foi Adelaide Lucy Fenton (1825-1897). Natural de Clifton, Bristol, Fenton já era bem conhecida nos meios filatélicos em 1863, tendo sido autora de inúmeros artigos publicados em periódicos filatélicos, sob os pseudônimos de “Fentonia” e “Herbert Camoens”. Ela foi a primeira mulher a palestrar na *The Philatelic Society, London* (hoje, *The Royal Philatelic Society London*), onde, em 6 de dezembro de 1873, apresentou o seu artigo “*The Secret Marks on the Stamps of Peru*”. A biblioteca especializada de Fenton, que incluía coleções completas dos periódicos “*The Stamp Collector’s Magazine*” e “*The Philatelist*”, veio, em 1909, a tornar-se uma parte importante do acervo bibliográfico daquela sociedade.

Charles William Viner (1812-1906), Robert Brisco Earée (1846-1928), Francis John Stainforth e Mount Brown foram outros colecionadores ingleses ativos nas décadas de 1850 e/ou 1860. Viner começou a colecionar apenas aos 47 anos de idade, em 1860, e, apesar de entusiasta pela filatelia, não chegou a formar uma grande coleção. Ele foi o responsável pela tradução do catálogo ilustrado de Jean-Baptiste Moens para o inglês, em 1864 (ver seção “Os primeiros catálogos”, na Parte IV). O padre Robert Earée, além de colecionador,

foi um pesquisador dedicado, tendo publicado um importante trabalho sobre falsificações filatélicas (ver seção “As primeiras falsificações”). O também padre Stainforth, da paróquia municipal de *Allhallows Stainings*, em Londres, formou uma grande coleção para os padrões da época, que serviu de base para a primeira e segunda edições do catálogo de Mount Brown (ver seção “As primeiras publicações”), cuja elaboração contou com a ajuda de Viner. Foi, na casa de Stainforth que aconteceram as primeiras reuniões do grupo que viria a formar a *The Philatelic Society, London*, em 1869. Mount Brown (1837-1919), além de editor e comerciante filatélico, foi também um colecionador, já ativo antes de 1862, quando, com 25 anos, publicou a primeira edição de seu catálogo (ver seção “Os primeiros catálogos”, na Parte IV).

No mesmo período, foram ainda colecionadores proeminentes na Inglaterra Edward B. Evans, Daniel Cooper, Frederick A. Philbrick, Thomas K. Tapling e Edward L. Pemberton. Evans (Figura 4) começou a colecionar selos em 1860, quando ainda adolescente. Ele rapidamente formou uma grande coleção, que foi enriquecida durante sua carreira militar, enquanto servia ao exército britânico em diferentes países ou colônias, entre os quais Malta, Maurício, Transvaal e Irlanda. Quando sua coleção foi desfeita, em 1885, a porção referente a Maurício foi adquirida por Thomas K. Tapling (ver abaixo) e, hoje, faz parte da coleção Tapling na *British Library*. Toda a produção bibliográfica filatélica de Evans sempre foi caracterizada por extremas lucidez e precisão; seu primeiro artigo, intitulado “*On Stamp Collecting*”, foi publicado em novembro de 1864, sob o pseudônimo de “Cheth”, no *North of England Stamp Review and Advertiser*. Evans foi também, por muitos anos, editor do *Stanley Gibbons Monthly Journal*, um conceituado periódico filatélico inglês editado até hoje, e publicou diversos manuais e catálogos filatélicos.



Figura 4 – Edward Benjamin Evans (1846-1922).

Daniel Cooper (1821-1902) viveu como imigrante na Austrália entre 1843 e 1861. Lá, em 1849, foi eleito membro do Conselho Legislativo de Nova Gales do Sul, tendo sido um dos articuladores da emissão de selos postais naquela colônia britânica (ver seção “Os primeiros selos”). Em 1861, aos 40 anos de idade, voltou à Inglaterra e só então começou a colecionar selos. Na Inglaterra, ele foi um grande difusor da filatelia, ajudando a transformá-la de um mero passatempo, considerado infantil por muitos, em uma atividade científica, digna de adultos de intelecto elevado. Cooper tornou-se, mais tarde, o primeiro

presidente da *The Philatelic Society, London* (ver Seção “As primeiras sociedades filatélicas”), cargo que exerceu entre 1869 e 1878.

O Juiz de Direito Frederick Adolphus Philbrick (1835-1910) também foi membro fundador da *The Philatelic Society, London*, sendo seu primeiro vice-presidente. Sua coleção, formada entre 1860 e 1882, enquanto ainda atuava como advogado, foi a mais importante da Grã-Bretanha, e, talvez, do mundo, na época. Ela incluía a Grã-Bretanha, os Estados Confederados da América, o Havaí, Maurício, a Guiana Britânica e as Colônias Australianas. Em 1882, ao assumir maiores responsabilidades profissionais, já como Juiz, Philbrick desfez-se de sua coleção, que foi adquirida pelo renomado filatelista francês Philipp la Renotiere von Ferrari (ver abaixo). Philbrick continuou, contudo, suas atividades filatélicas depois disso, chegando, inclusive, a presidir a *The Philatelic Society, London* por 14 anos, de 1878 e 1892.

Thomas Keay Tapling (Figura 5) começou sua coleção de selos em 1865, com 10 anos de idade, e, até a sua morte prematura, aos 36 anos, acumulou um patrimônio filatélico vultoso, especialmente a partir da aquisição de várias coleções pioneiras importantes, como a de Evans (ver acima) e Caillebotte (ver abaixo), ao longo das décadas de 1870 e 1880. No final da década de 1880, a coleção de Tapling só era superada pela do francês Ferrari (ver abaixo). Sua coleção foi doada ao *British Museum* e, hoje, faz parte das *The British Library Philatelic Collections*.



Figura 5 – Thomas Keay Tapling (1855-1891).

Edward Loines Pemberton (Figura 6) nasceu nos Estados Unidos, na cidade de Nova Iorque, mas, ainda criança, mudou-se para a Inglaterra com seus pais. Ele foi o maior defensor da filatelia científica na Inglaterra (ver seção “A metodologia inicial”), tendo estudado todos os aspectos da produção de selos postais, dando atenção a papel, impressão, cor e picotagem. Em 1863, juntamente com Thornton Lewes, Pemberton escreveu *Forged Stamps: How to Detect Them*, uma monografia pioneira sobre a identificação de selos falsos. Seus estudos e publicações sobre falsificações filatélicas continuaram pelo resto de sua vida. Em 1867, ele publicou *Catalogue of the Very Fine and Very Complete Collection of Postage Stamps Selected with Great Care by E.L. Pemberton, Esq. Of Birmingham*, um trabalho que incluía todas as variedades mais raras conhecidas de filigrana, picotagem etc. e que se tornou muito popular entre os colecionadores avançados da época. Pemberton, foi também, juntamente com Cooper, Philbrick, Viner, Earée, Stainforth e outros filatelistas, membro fundador, em 1869, da *The Philatelic Society, London* (ver Seção “As primeiras sociedades filatélicas”, Parte IV).



Figura 6 – Edward Loines Pemberton (1844-1878).

França

Um numismata, de sobrenome Vetzel, da cidade de Lile, é citado por algumas fontes como o primeiro colecionador de selos. Segundo suas próprias palavras, ele “recolhia, desde 10 de maio de 1841, as vinhetas inglesas criadas por Rolland Hill”. Isso, contudo, já coloca o início de sua atividade filatélica depois da de John E. Gray, na Inglaterra, como visto anteriormente (ver acima). Alguns outros autores nem mencionam Vetzel e citam M. de Saulez, acadêmico do *Institut de France*, como sendo o primeiro colecionador de selos francês.

Mais conhecido que Vetzel e de Saulez é o colecionador François George Oscar Berger-Levrault (1826-1903), de Estrasburgo, autor do primeiro catálogo de selos (ver seção “As primeiras publicações”, na Parte IV), em 1861. Ele provavelmente começou a colecionar ainda na década de 1840, tornando-se comerciante de selos em 1858. Outro colecionador da Alsácia, como Berger-Levrault, foi H. A. de Joannis, que também foi colecionador ativo na década de 1860. Em 1870, de Joannis foi capturado pelos alemães, durante a guerra Franco-Prussiana e, como prisioneiro, enviou exemplares dos primeiros selos da Alsácia ocupada para a Inglaterra, onde passou a residir após a guerra. Ele é considerado o primeiro colecionador a desenvolver a filatelia nacionalista e foi membro atuante da *The Philatelic Society, London*.

Jacques Amable Legrand (1820-1912) (ver Figura 1) é considerado, por alguns autores, como o pai da escola francesa de filatelia científica, que foi a predominante até 1870. Ele começou a colecionar apenas em 1862, mas, já em 1865, os artigos referentes a suas primeiras pesquisas filatélicas começaram a aparecer na imprensa especializada, para a qual escrevia sob o pseudônimo de “Dr. Magnus”. Legrand participou da criação das primeiras sociedades filatélicas francesas: a *Société Philatélique de Paris*, fundada em 1865, e a *Société Française de Timbrologie*, fundada em 1874 (ver seção “As primeiras sociedades filatélicas, na Parte IV”). Em 1878, ele também liderou, em Paris, a organização do *Congrès International des Timbrophiles*, considerado o primeiro congresso filatélico importante.

Como visto anteriormente (ver seção “A metodologia inicial”), Legrand foi um pioneiro do estudo das filigranas e o criador do sistema de medição de picotagem utilizado nos odontômetros atuais. Além disso, ele foi um dos primeiros filatelistas a classificar variedades de chapas de importantes emissões, como as das primeiras emissões de Maurício. Legrand formou uma grande coleção universal, que consistia quase que

inteiramente de selos novos; selos usados só eram incluídos em sua coleção quando não conseguia os exemplares novos correspondentes. Sua coleção foi vendida em 1897, quando passou a dedicar-se à montagem de uma grande biblioteca especializada em filatelia, que chegou a ser premiada com medalha de ouro na exposição de Paris de 1900.

Outro colecionador pioneiro importante na França foi o conde Philipp la Renotiere Von Ferrari (1848-1917). Neto do Rei da França Louis Philippe, Ferrari começou sua coleção em 1858, com apenas 10 anos de idade. A mãe de Ferrari, a Duquesa da Galliera, era extremamente rica e fazia parte tanto da família real Italiana dos Savoy como da família real espanhola dos Bourbon-Orleans. Assim, graças aos recursos proporcionados por sua família nobre, Ferrari chegou a montar a maior coleção mundial da época, que incluía boa parte da coleção de Frederick A. Philbrick, comprada por ele em 1882. Ferrari financiou o pintor impressionista George Caillebotte (também nascido em 1848, como Ferrari), que se tornou colecionador graças às duplicatas presenteadas a ele por seu mecenas. Caillebotte formou boas coleções da França e do Uruguai, que, em 1887, foram vendidas para Tapling (ver acima).

Outro renomado colecionador francês das primeiras décadas da filatelia foi o banqueiro Paul Mirabaud (1848-1908). Mirabaud inicialmente começou a colecionar selos para seu filho, que, doente, permaneceu acamado por vários anos. Após a morte de seu filho, Mirabaud interessou-se pessoalmente por selos e acabou por formar uma magnífica coleção, já que recursos financeiros não eram uma limitação para ele. Ele adquiria somente as melhores peças, com uma preferência por selos da Suíça, onde viveu por vários anos. Ele foi o autor e financiou a publicação em três línguas (francês, alemão e inglês) de um artigo sobre as emissões da Suíça de 1843 a 1862. Nele, todos os selos, inclusive variedades de chapa, apareciam ilustrados em suas cores exatas, bem como centenas de carimbos, que foram classificados por Mirabaud. As ilustrações foram feitas pelos melhores artistas de Paris sob a supervisão de Mirabaud, que tomou as providências necessárias para que elas, devido à elevada qualidade, não fossem utilizadas fraudulentamente. Mirabaud também formou um belo acervo de selos da França, do Havaí e de colônias britânicas da época, como Canadá, Maurício, Nova Gales do Sul, Austrália Ocidental, Novo Brunswick, Trinidad e Tasmânia.

Espanha

O barcelonês Santiago Angel Saura Mascaró, catedrático da Universidad de Barcelona, é considerado o primeiro colecionador de selos espanhol. Outros dois colecionadores espanhóis pioneiros foram Victoriano de Ysasi e Mariano Pardo de Figueroa. Victoriano de Ysasi atuou na Espanha, na década de 1860, mas, na década seguinte, mudou-se para a Inglaterra, onde foi membro ativo da *The Philatelic Society, London*. Ele chegou a tornar-se, em 1880, vice-presidente dessa sociedade, cargo que exerceu até seu falecimento, em um acidente ferroviário, em 1881. Mariano Pardo de Figueroa, de Medina Sidonia, Espanha, ficou conhecido por seus artigos filatélicos sob o pseudônimo de “Dr. Thebussem”. Ele foi o autor da primeira monografia publicada pela *The Philatelic Society, London*, intitulada “*Obliteration Marks, Mata-Sellos, on Spanish Stamps*”. Apesar de só ter sido publicada 15 de janeiro de 1873, essa monografia, sobre os carimbos espanhóis em selos da Espanha desde 1850, foi concluída em 1870 e apresentada àquela sociedade, originalmente em espanhol, em 6 de maio de 1871, por intermédio de Victoriano de Ysasi. Pela divulgação que fez da filatelia na Espanha, Figueroa recebeu o título de Chefe Honorário do Serviço Postal de Madrid.

Alemanha

Na Alemanha, um dos primeiros colecionadores de selos a destacar-se foi Frederick Jeppe, que se tornou o primeiro Administrador Geral dos Correios do Transvaal (depois, a República Sul-Africana). Ele foi responsável pela emissão dos primeiros selos daquele país, em 1869, que, segundo admitido por ele próprio, foram feitos essencialmente para a venda a colecionadores, com o objetivo de arrecadar fundos para o Transvaal. A partir de 1870, Jeppe foi outro membro estrangeiro atuante na *The Philatelic Society, London*. Outro alemão, Alfred Moshkau (1848-1912), começou a colecionar com 11 anos, em 1859 e, por volta de 1870, já era um importante editor filatélico. Também um colecionador precoce foi o Juiz Carl Lindenberg (1850-1928), que começou sua coleção de selos aos 7 anos de idade e acabou por tornar-se um destacado filatelista alemão. Lindenberg foi o primeiro presidente do *Berliner Philatelisten-Klub* (fundado em 1888), fez importante trabalho de identificação de fraudes filatélicas alemãs feitas por Georges Fouré (1848-1902, comerciante e falsificador filatélico atuante na Alemanha no final do século XIX e início do século XX) e foi doador de peças filatélicas valiosas para o *Reichsmuseum*. Também se destacou como filatelista alemão pioneiro o banqueiro Heinrich Fraenkel (1853-1907), que também ficou conhecido por sua grande coleção de literatura filatélica, a qual acabou sendo adquirida pela *The British Library*.

Outros países

Na Áustria, o Juiz Viktor Suppantschitsch (1838-1919) foi um filatelista e bibliófilo destacado na década de 1860. Sua coleção de literatura filatélica foi mais tarde adquirida por Theodore E. Steinway (1883-1989) e formou a base da biblioteca de periódicos do *Collectors Club of New York* (fundado em 1896).

Na Rússia, foi filatelista pioneiro von Wiessel (nascido em 1826), que se especializou em selos carimbados e foi colecionador ativo até a década de 1890. Entretanto, a reputação de melhor coleção pioneira na Rússia cabe a Frederick Brietfuss (nascido em 1851), descendente de uma família de ourives. Brietfus já era um filatelista destacado quando, durante sua visita à Inglaterra, entre 1873 e 1875, juntou-se à *The Philatelic Society, London*. Outra coleção russa importante foi a do banqueiro Theodore Nottaff (falecido em 1895), considerada, à época, inferior apenas à de Brietfus na Rússia. O sueco L. Herald Kjellstedt (nascido em 1855) também se destacou como filatelista na Rússia, onde começou a colecionar aos 9 anos de idade, em 1864, quando já morava em São Petersburgo.

Na Bélgica, o filatelista mais destacado foi Louis François Hanciau (1835-1925), que é considerado por muitos o maior filatelista que o mundo já conheceu. Ele começou a colecionar selos em 1852, sob influência do amigo colecionador Pierre Maus, na época, possuidor de uma coleção de pouco mais de 50 selos. A história de Hanciau não pode ser dissociada daquela de Jean-Baptiste Moens (ver seção “Os primeiros comerciantes de selos”), do qual tornou-se sócio e com a irmã do qual se casou. Com dificuldades na aquisição de selos, Hanciau solicitou a Moens, então um livreiro do qual era cliente e amigo, que guardasse para ele os selos que recebia em correspondências. Ele concordou, mas, quando Hanciau voltou a contatá-lo para ver o que havia conseguido, Moens disse-lhe que havia decidido ele próprio começar uma coleção de selos e, logo em seguida, ainda em 1852, começou a comercializá-los em sua livraria. Hanciau começou então a conseguir selos escrevendo a embaixadores belgas em diferentes países e, depois de algum tempo,

conseguiu persuadir Moens a vender-lhe toda a sua coleção, que já era uma das melhores existentes na época. Juntamente com Moens, Hanciau produziu uma extensa obra literária filatélica. Ele foi o autor do grande catálogo de Moens em suas várias edições, entre 1863 e 1893 e foi o editor do periódico *Le Timbre-Poste*, desde seu primeiro número, publicado em 1863 (ver seção “As primeiras publicações”). Devido a sua modéstia, o nome de Hanciau raramente aparecia nas publicações, sendo o crédito dado à *Maison Moens*. De qualquer maneira, Hanciau escreveu, ao longo de sua vida, uma enorme quantidade de artigos filatélicos (talvez mais do que qualquer outro filatelista) e contribuiu de forma marcante para viabilizar a publicação de estudos dos mais importantes colecionadores da época.

Na América Latina, um dos primeiros filatelistas a destacar-se internacionalmente foi o argentino José Marco Del Ponte (1851-1917). Ele começou a colecionar em 1865, com 15 anos de idade, e especializou-se em selos da América do Sul.

Referências bibliográficas (Parte II)

Abadal, J. *Diccionario Filatélico*. Tárrega (Espanha), 1973.

Bacon, E. D. *The Catalogue of the Philatelic Library of the Earl of Crawford, K.T.* Philatelic Literature Society, 1911.

Caurat, J. *ABC da Filatelia*. Lisboa, 1979.

Ferreira L. E. O selo e a história, Parte 3. *Franquia*, 23: 18-20, 1976.

Paula Sobrinho, J. F. *História Postal de Minas Gerais (Caminhos, Correios, Formação)*. Belo Horizonte, O Lutador, 1997.

Serrano Pareja, A. *Coleccionismo de Sellos*. Madrid, 1979.

The Royal Philatelic Society London. *The Royal Philatelic Society London 1869-1969*. Glasgow, Robert Maclehose & Co. Ltd., 1969.

Referências eletrônicas (Parte II)

American Philatelic Society. www.stamps.org

Apfelbaum Philatelic Library. *Death of M. Oscar Berger-Levrault*. www.apfelbauminc.com/library.htm

APS Hall of Fame. www.stamps.org/Almanac/alm_HallofFame.htm

Berliner Philatelisten-Klub von 1888 E. V. *Geschichte des Berliner Philatelisten-Klubs*. www.berliner-philatelisten-klub-1888.de/hist.htm

Cavendish Auctions. www.cavendish-auctions.com

Filahome Stamp Collecting Encyclopaedia. www.absfacts2.com/sce/intro.htm

Hahn, C. M. *Intertwining of Philatelic and Social History*. U.S. Philatelic Classics Society, New York Chapter, 2000. www.nystamp.org

Hamilton, D. *Some experiences of a lady collector*. www.apfelbauminc.com/library/Lady_collector.htm

La Philatélie. www.soeteman.com

Linn's.com. www.linns.com

National Postal Museum. www.postalmuseum.si.edu

Philatelic Experts. www.geocities.com/Augusta/5525/experts.html

Robert A. Siegel Auction Galleries, Inc. *U. S. Carriers and Locals.*
www.siegelauctions.com/enc/carriers.htm

Stamp2.com. *Distinguished philatelists.*
www.stamp2.com/community/distinguish/site/default.asp

The British Philatelic Trust. *Who was who in British philately.*
<http://www.ukphilately.org.uk/bpt/whowaswho/whowaswho-tu.htm>

The Philatelic Foundation. www.philatelicfoundation.org

The Royal Philatelic Society London. www.rpsl.org.uk/index.html

Os primórdios da filatelia (1843-1870)

Henrique Bunselmeyer Ferreira
henrique@cbiot.ufrgs.br

Parte III

Os primeiros comerciantes de selos

A partir do início da década de 1850, o número de interessados na coleção de selos postais já justificava o envolvimento de comerciantes especializados. Assim, alguns colecionadores pioneiros ou comerciantes de livros, antiguidades e moedas que vislumbraram a oportunidade de um negócio lucrativo passaram a explorar esse nicho, especializando-se na busca e comercialização de selos para colecionadores. Com o aumento da popularidade da filatelia na década de 1860, o número de comerciantes especializados começou, a partir daí, a se multiplicar.

Entre os primeiros comerciantes de selos estava o belga Jean-Baptiste Philipp Constant Moens (Figuras 1 e 2). Aos 15 anos, em 1848, Moens já negociava livros novos e usados em uma loja própria, na *Galerie Bortier*, em Bruxelas. Em 1852, sob a influência de Louis Hanciau (ver seção “Os primeiros colecionadores”, na Parte II), então seu cliente, ele começou a colecionar selos, que costumava expor na vitrine de sua loja. Ele logo acabou por vender sua coleção para Hanciau, mas iniciou, assim, sua carreira como comerciante filatélico. Além de livreiro e comerciante de selos, Moens foi autor, co-autor e/ou editor de muitos artigos, periódicos, catálogos e álbuns filatélicos (ver seção “As primeiras publicações”, na Parte IV), a maior parte deles com a participação de Hanciau, que se tornou seu cunhado e sócio. A publicação mais bem sucedida de Moens foi o periódico *Le Timbre-Poste*, editado durante 38 anos consecutivos, a partir de 1863. Moens tinha contatos e representantes em todos os cinco continentes e negociou em sua loja com a maioria dos grandes colecionadores de sua época. Ele comercializou peças de extrema raridade, como 11 dos 23 exemplares conhecidos da primeira emissão de Maurício (ver seção “Os primeiros selos”, na Parte I).



Figura 1 - Selo belga, emitido em 1973, com a efígie de Jean Baptiste Moens (1833-1908). Esta emissão comemorava o 50º aniversário da *Chambre Syndicale Belge des Négociants en Timbres-Poste*.



Figura 2 - Jean-Baptiste Moens em 1887, com 54 anos de idade.

Na Inglaterra, foram comerciantes filatêlicos pioneiros Willian S. Lincoln e Edward Stanley Gibbons. Lincoln (1844-1922), de Londres, tornou-se um colecionador e comerciante em 1853, aos nove anos de idade, quando ainda era um colegial. Stanley Gibbons (Figura 3), da cidade portuária de Plymouth, era filho de um farmacêutico e, já na sua juventude, era fascinado pelos selos postais, que então estavam em uso há apenas poucos anos. Depois de trabalhar em um banco, Stanley Gibbons tornou-se, em 1856, um aprendiz na farmácia de seu pai, o qual permitiu que ele usasse seu balcão para vender selos e parte de sua vitrine para expô-los. Seus negócios foram bem sucedidos e, em pouco tempo, ele passou a ocupar uma sala própria e empregou uma assistente. Ele estabeleceu inúmeros contatos no exterior, formou um grande estoque de selos e, logo, seu lucro excedeu ao da farmácia de seu pai. Após a morte do pai, Stanley Gibbons vendeu a farmácia e seguiu com seu negócio filatêlico, já famoso. Ele era popular especialmente entre marinheiros, que lhe vendiam selos que traziam do exterior, como, por exemplo, um grande lote dos hoje famosos e raros selos triangulares do Cabo da Boa Esperança de 1861 (números 12 e 13 do Catálogo Yvert & Tellier), adquirido por Stanley Gibbons em 1863 por £5 (então um valor correspondente a um razoável salário mensal). Em 1865, Stanley Gibbons editou sua primeira lista de preços, precursora do seu renomado catálogo, editado até hoje. Essa lista, em forma de revista, continha preços para selos novos e usados da Inglaterra, de várias colônias britânicas e de alguns outros países. Em 1872, ele mudou-se para uma loja maior, ainda em Plymouth, mas o sucesso de seu negócio levou-o finalmente a estabelecer-se em Londres, em 1874. Stanley Gibbons vendeu seu negócio para Charles J. Phillips em 1890, aposentando-se para viajar pelo mundo e, segundo ele próprio, conhecer os países dos quais ele vendia selos. Phillips transformou a empresa numa companhia limitada privada, a Stanley Gibbons Ltd., que, até hoje, é uma das mais conhecidas e respeitadas casas filatêlicas do mundo.



Figura 3 – Edward Stanley Gibbons (1840-1913).

Ainda na década de 1860, também se destacaram como comerciantes filatéticos dois membros fundadores da *The Philatelic Society, London*, W. Dudley Atlee e Henry Hasslet. Atlee era um conhecido comerciante e escritor filatético desde 1864 e, além de fundador, foi o primeiro secretário da sociedade, em 1869. Hasslet foi um comerciante mais conhecido pelo seu impressionante estoque de selos de colônias britânicas da época, em especial de ‘*Sidney Views*’, os primeiros selos de Nova Gales do Sul (números 1 a 7 do catálogo Yvert & Tellier).

Na França, o primeiro comerciante filatético de destaque foi Oscar Berger-Levrault, de Estrasburgo, que começou seu negócio em 1858. Ele acabou tornando-se mais conhecido devido à autoria do primeiro catálogo de selos, na realidade uma lista de preços de sua loja (ver seção “As primeiras publicações”, na Parte IV). Mais tarde, já na década de 1860, destacaram-se como comerciantes de selos na França Arthur Maury e Pierre Mahé, entre outros.

Arthur Maury (Figura 4) começou a comercializar selos em 1860, aos 16 anos de idade. Ele foi também um prolífico escritor e editor especializado, tendo como obras mais marcantes o periódico mensal *Le Collectionneur des Timbres-Poste*, publicado a partir de 1864, e o *Catalogue Complet des Timbres-poste*, cuja primeira edição foi publicada em 1865 (ver seção “As primeiras publicações”, na Parte IV). Outra publicação importante de Maury foi seu *Timbres-Poste Album* de 1868, no qual foi proposta pela primeira vez a utilização de charneiras (ver seção “A metologia inicial”, na Parte II).

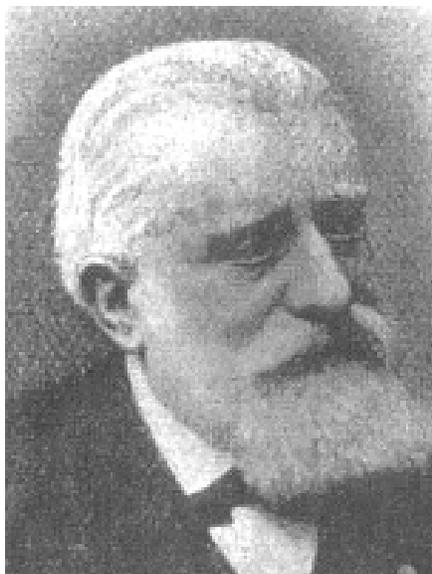


Figura 4 – Arthur Maury (1844-1907).

Pierre Marie Mahé (1832-1913) trabalhava numa gráfica e seu interesse por selos foi despertado pela correspondência da firma que passava pelas suas mãos. Ele começou a colecionar selos em 1862 e foi um dos primeiros filatelistas a negociar selos no *Jardin des Tuilleries*, em Paris. Lá, ele tentou vender centenas de exemplares das primeiras emissões da Espanha (1850 a 1854) a um comerciante, que, pensando que Maury desconhecia o valor dos selos, ofereceu-lhe uma quantia irrisória (6 francos por cada cento). Segundo o próprio Maury, aquilo o deixou furioso e, naquela data, decidiu tornar-se ele próprio um comerciante filatélico. Logo em seguida, ele abandonou seu emprego na gráfica e abriu sua primeira loja, na *Rue des Canettes*. Em 1864, ele fundou o periódico *Le Timbrophile* (ver seção “As primeiras publicações”, na Parte IV), através do qual fazia oposição Maury em questões como a validade do termo “filatelia” (Mahé era defensor do termo “timbrosfilia”).

Nos Estados Unidos, o primeiro comerciante de selos teria sido George A. Hussey (1812-1877), proprietário de um serviço postal local chamado *Hussey's Special Message Post*, em Nova Iorque, que começou a operar em 1854. As suas atividades comerciais filatélicas, contudo, só iniciaram em 1859. Também em 1859, James Brennan, inicialmente um mensageiro do *Hussey's Special Message Post*, abriu uma loja própria para a venda de selos, que foi o primeiro estabelecimento comercial filatélico americano.

O título de primeiro comerciante filatélico americano é disputado também por William P. Brown, que, no final da década de 1850, negociava selos ao ar livre no *City Hall Park*, em Nova Iorque. Brown começou suas atividades aos 19 anos de idade e, mais tarde, estabeleceu-se em uma sala na *Park Row*. Posteriormente, já na década de 1860, ele editou o periódico *The London & New York Stamp Collectors Review*, que foi publicado em Londres e distribuído em Nova Iorque.

Na década de 1860, surgiu no cenário americano John Walter Scott (Figura 5), que, apesar de ser inglês (nasceu em Londres), acabou por tornar-se o mais destacado comerciante filatélico dos Estados Unidos da época. Ele é considerado o “Pai da Filatelia Americana”, embora tenha atuado essencialmente como comerciante e não como colecionador ou estudioso de assuntos filatélicos. Ainda na Inglaterra, com 15 anos de idade, ele começou a colecionar selos, atividade que levou consigo para Estados Unidos,

onde chegou em 1863, em Nova Iorque. Lá, ele começou a negociar selos no *City Hall Park*, sendo ajudado inicialmente por William P. Brown. Em 1865, Scott chegou a abandonar a filatelia ir à Califórnia, durante a corrida do ouro, mas sem sucesso. De volta a Nova Iorque, em 1867, retomou suas atividades filatélicas e, durante as duas décadas seguintes, tornou-se o comerciante e editor proeminente. Em 1868, ele começou a publicar o *American Journal of Philately*, o primeiro periódico filatélico importante dos Estados Unidos, e participou da fundação da *New York Philatelic Society*. Também em 1868, publicou *A Descriptive Catalogue of America and Foreign Postage Stamps, Issued from 1840 to Date*, o primeiro catálogo Scott, que logo viria a tornar-se o mais importante catálogo de selos americano.

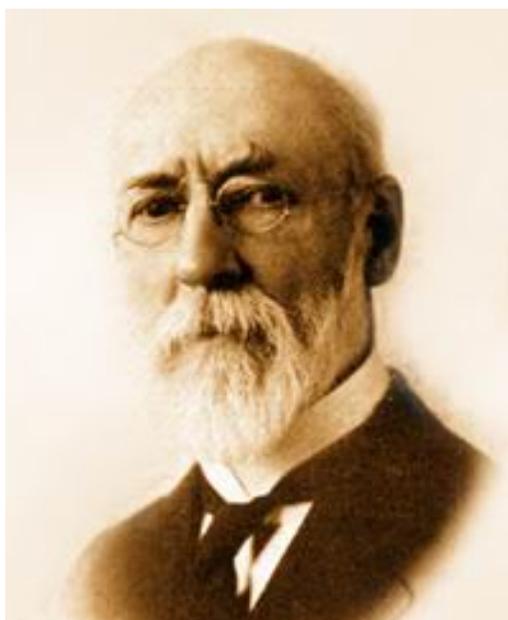


Figura 5 - John Walter Scott (1845-1919)

Os primeiros leilões

O primeiro leilão de selos ocorreu em Paris, no Hotel Drouet, em 1865. Ele ocorreu por iniciativa de um seleto grupo de filatelistas, que leiloou o estoque do comerciante filatélico J. W. Elb (1817-1865), recém-falecido. Devido ao êxito do evento, ele foi repetido, um ano mais tarde, no mesmo local.

Nos Estados Unidos, o primeiro leilão filatélico foi organizado por John Walter Scott (ver seção “Os primeiros comerciantes de selos”, acima) em 28 de maio de 1870, na cidade de Nova Iorque, e, a este, sucederam-se logo mais três. Em 18 de março de 1872, na cidade de Londres, aconteceu o quinto leilão de Scott, que foi o primeiro realizado na Inglaterra.

As primeiras falsificações

As primeiras falsificações de selos conhecidas foram postais, isto é, se destinavam simplesmente à postagem fraudulenta de correspondência. Algumas delas são hoje tão raras que chegam a superar em muito o valor dos selos autênticos correspondentes. A primeira falsificação postal conhecida é a do selo espanhol de 4 quartos carmim, de 1854 (números 25 e 29 para o original nos catálogos Scott e Yvert et Tellier, respectivamente). A

falsificação foi litografada, enquanto o original foi tipografado. Os falsificadores, não satisfeitos com a qualidade da primeira versão, fizeram uma segunda (impressa a talho-doce) que é, hoje, relativamente comum, ao contrário da primeira, que é rara. Logo, se seguiram falsificações de outras emissões da Espanha, da Áustria e de alguns dos antigos Estados italianos, como o Estado Romano, Nápoles e Sardenha.

No início da década de 1860, com o aumento da popularidade da filatelia e o florescimento do comércio de selos, começaram a surgir as falsificações com o propósito de ludibriar filatelistas. Essas falsificações incluíam a impressão fraudulenta de fac-símiles de emissões oficiais e modificações feitas em selos genuínos na tentativa de transformá-los em variedades mais raras. Um exemplo clássico desse último caso envolveu o próprio *Penny Black* inglês, o primeiro selo do mundo (ver seção “Os primeiros selos”, na Parte I): em falsificações pioneiras, eram removidos os ornamentos dos ângulos superiores do selo e eram impressos em seu lugar as letras V e R. O objetivo era imitar os escassos *Penny Black* VR para uso oficial, que não chegaram a ser emitidos (ver seção “Os primeiros colecionadores”, na Parte II).

Quase que simultaneamente à impressão dos primeiros catálogos de selos (ver seção “Os primeiros catálogos”, na Parte IV) foram publicados também artigos ou pequenos livros listando as falsificações conhecidas até então. Um desses trabalhos pioneiros foi *Forged Stamps: How to Detect Them*, de Edward Pemberton (ver seção “Os primeiros colecionadores”, na Parte II) e Thornton Lewes, uma monografia escrita com o intuito de auxiliá-los os colecionadores a superarem as dificuldades causadas pela profusão de selos falsificados já existentes naquela época. Mais tarde, Pemberton iniciou uma série de artigos sobre falsificações chamada *The Spud Papers* (a série original continha falsificações inseridas no texto, a título de ilustração). Após a morte de Pemberton, em 1878, essa série foi continuada pelo padre Robert Earée (ver seção “Os primeiros colecionadores”, na Parte II), com o título de *Album Weeds or How to Detect Forged Stamps* (com edições em 1886, 1892 e 1907).

A maioria das coleções pioneiras continha um ou mais exemplares de selos falsos, incluídos voluntariamente ou não. No início, as falsificações eram frequentemente aceitas e também colecionadas, em geral como alternativa, em vista da raridade e preço dos exemplares originais correspondentes. Um importante fornecedor desses itens falsos nas décadas de 1860 e 1870 foi a gráfica dos irmãos Spiro, de Hamburgo, Alemanha, dirigida por Philip Spiro. Os irmãos Spiro produziram inclusive falsificações dos Olhos-de-Boi (Figura 6), dos Inclinados e dos Olhos-de-Cabra brasileiros, que foram comercializadas no mercado europeu a partir de meados da década de 1860. Outros falsificadores pioneiros foram o francês Ferdinand Elb, irmão do comerciante filatélico J. W. Elb (ver seção “Os primeiros leilões”, acima), que começou suas atividades de falsificação em 1859, e o americano Samuel Curtis Upham (1819-1885), da Filadélfia, que foi o primeiro a falsificar emissões dos Estados Confederados Americanos, em 1862, logo após o aparecimento dos selos genuínos.

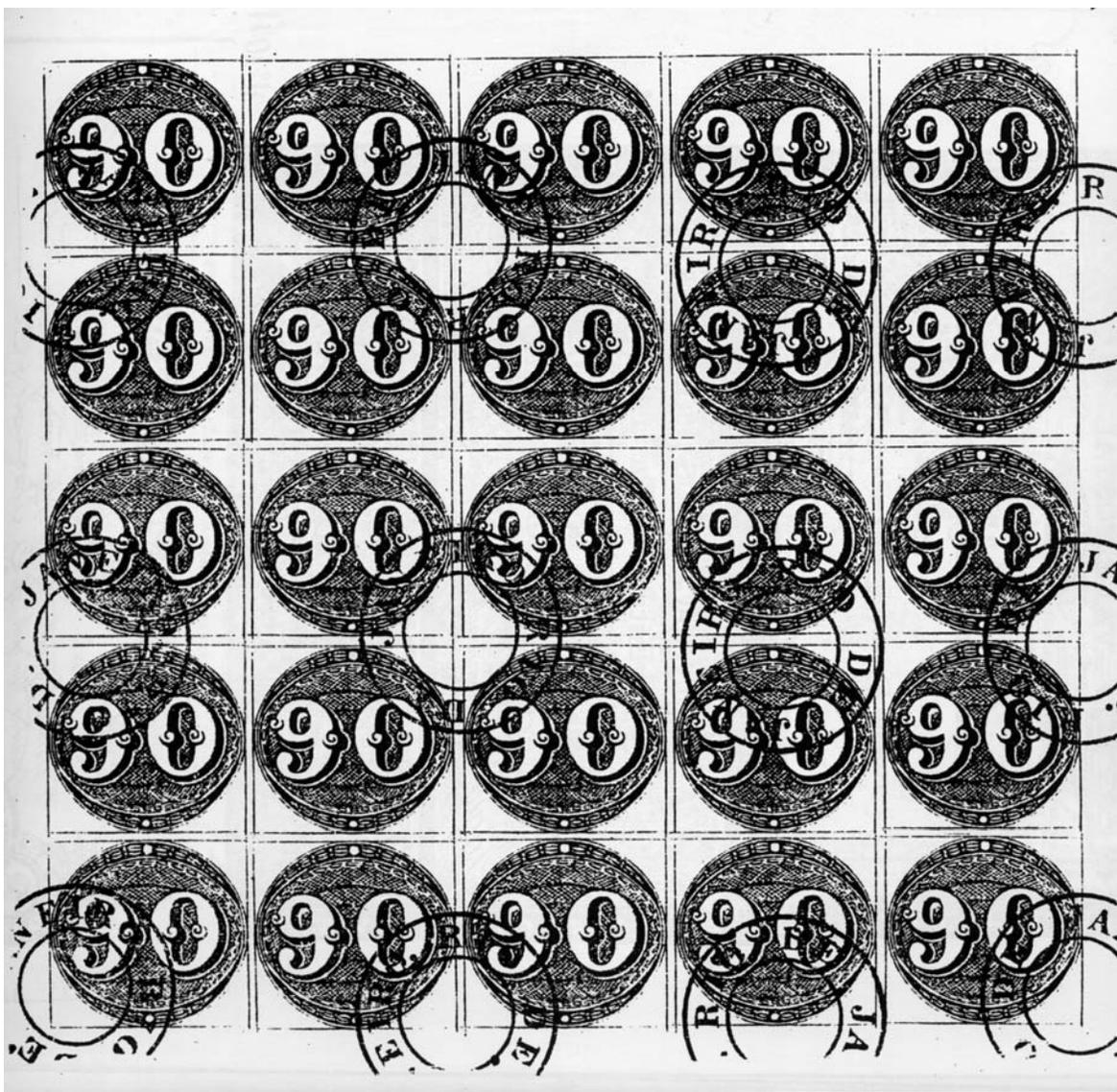


Figura 6 – Exemplo de falsificação produzida pelos irmãos Spiro: uma folha de 25 selos (5 x 5) do Olho-de-Boi de 90 réis com carimbo, também falsificado, do Rio de Janeiro (comparar com o original, na Figura 4, da Parte I).

Muitos comerciantes pioneiros conhecidos, dentre os quais pode-se citar Arthur Maury, na França, Jean-Baptiste Moens, na Bélgica, Stanley Gibbons, na Inglaterra, e George A. Hussey e John W. Scott, nos Estados Unidos (ver seção “Os primeiros comerciantes de selos”, acima), também tiveram seus nomes associados a falsificações filatélicas. A fraude mais comum praticada por esses comerciantes era a aquisição de chapas originais obsoletas, descartadas pelos correios, e a utilização das mesmas para a impressão de selos falsos, que eram vendidos por eles como genuínos.

Maury chegou a ter suas atividades de falsário citadas em corte, durante julgamento de ação que movia contra o também comerciante Victor Robert, que havia publicado catálogo similar ao seu, supostamente infringindo a lei de direitos autorais. No julgamento, o advogado de Robert, que acabou conseguindo a absolvição de seu cliente, afirmou textualmente que “Monsieur Maury era um comerciante que vendia tanto selos genuínos

como selos produzidos por ele próprio” e citava como exemplo os selos de Taxa Devida da Tunísia, de 1888 (números 1 a 8 do catálogo Yvert et Tellier), perfurados em “T” fraudulentamente por Maury.

Quanto a Moens, suas atividades ilícitas mais conhecidas estão associadas a diversas reimpressões, a partir de pedras litográficas ou clichês originais, adquiridos e restaurados por ele, de emissões de Bergedorf, dos Estados Romanos e da Espanha. Moens também comercializou selos adulterados das primeiras emissões belgas (os “Epauletten”, de julho de 1849, e os seus sucessores, os “Médaillons” de outubro de 1849; números 1 e 2 e 3 a 5, respectivamente, do catálogo Yvert et Tellier). As folhas remanescentes desses selos, ao serem tiradas de circulação, foram inutilizadas para uso postal com traços em tinta vermelha (Figura 7), mas Moens, conseguindo adquirir algumas poucas dessas folhas, removia as marcas de tinta e vendia os selos como novos. Esses selos são hoje conhecidos como “gewassen Moens” (lavados de Moens).



Figura 7 – Um dos “Epauletten” belgas inutilizado para uso postal por um traço à tinta em vermelho.

Hussey e Scott, por sua vez, juntamente com Samuel Allan Taylor foram responsáveis pela confecção e/ou comercialização da maioria das falsificações das primeiras emissões locais americanas (ver seção “Os primeiros selos”, na Parte I). Samuel Allan Taylor (1838-1913), também conhecido por ter sido editor do primeiro periódico filatélico americano (ver seção “As primeiras publicações”, na Parte IV), acabou ficando mais famoso por suas atividades como falsário. Em 1861, ele já vendia selos locais de fantasia em Montreal, no Canadá, alguns dos quais com a sua própria efígie (Figura 8). Em 1865, em Boston, nos Estados Unidos, ele começou a produzir e vender selos falsos em grande escala em associação com uma série de comerciantes filatélicos locais, formando a chamada “*the Boston gang*” (“a gangue de Boston”). Essa gangue falsificou especialmente selos locais dos Estados Unidos e primeiras emissões de países do Caribe e da América Latina, como Dominica, Haiti, Guatemala e Paraguai, além de “criar” o valor de 10 p da Ilha do Príncipe Edward (a emissão original, de 1861, incluía apenas valores de 2, 3 e 6 p (números 1 a 3 do catálogo Yvert et Tellier). Os selos falsos eram comercializados com a garantia de documentos supostamente oficiais dos países de origem, que eram igualmente falsificados.

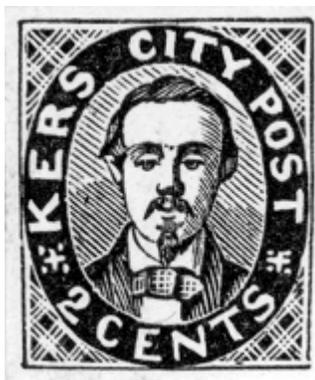


Figura 8 – Selo local de fantasia com a efigie do próprio Samuel A. Taylor.

Dentre os membros da gangue de Boston estavam também Ferdinand Marie Trifet (1848-1899), colecionador desde 1860 e comerciante filatélico a partir de 1866, James Chute (1846-1892), que chegou a ser o primeiro diretor eleito do periódico *American Philatelist*, em 1886, embora não tenha exercido o cargo, e Charles A. Lyford, que foi também editor do *New England Journal of Philately*.

Referências bibliográficas (Parte III)

Abadal, J. *Diccionario Filatélico*. Tárrega (Espanha), 1973.

Araújo, F. F. Pioneirismo. *Mosaico*, 37: 103-104, 2003.

Caurat, J. *ABC da Filatelia*. Lisboa, 1979.

Ferreira L. E. O selo e a história, Parte 3. *Franquia*, 23: 18-20, 1976.

Melville, F. J. *Stamp Collecting*. Kent, Hodder & Stoughton Ltd., 1973

Serrano Pareja, A. *Coleccionismo de Sellos*. Madrid, 1979.

Studart, M. G. C. *Falsificações e Fraudações na Filatelia Brasileira*. Brasília, Editora Abreu, 1995.

Referências eletrônicas (Parte III)

American Philatelic Society. www.stamps.org

APS Hall of Fame. www.stamps.org/Almanac/alm_HallofFame.htm

AskPhil. *Glossary of Stamp Collecting Terms*. www.askphil.org/b25.htm

Baum, B. *Stamps & Philately Part III: Collecting Stamps*. www.auctionusers.org/newsletter/0008-stamps.shtml

Brisebois, M. *From the Rare Book Collection. S. Allan Taylor (1838-1913)*. National Library News, Canada. www.nlc-bnc.ca/9/2/p2-9903-01-e.html

Doig's Ethiopia Stamp Catalogue. *Arthur Maury (1844-1907)*. <http://www.doig.net/Maury.html>

Dutta, A. *World's First Stamp*. www.geocities.com/dakshina_kan_pa/art11/penny.htm

eBru. *Bortiergalerij - galerie Bortier*. www.ebru.be/Streets/StrBortier.html

Filahome Stamp Collecting Encyclopaedia. www.absofacts2.com/sce/intro.htm

Glassine Surfer. www.glassinesurfer.com

Hahn, C. M. *Intertwining of Philatelic and Social History*. U.S. Philatelic Classics Society, New York Chapter, 2000. www.nystamp.org

Harvengt, C. *Jean-Baptiste Moens*. student.ulb.ac.be/~charveng/moens/biograph.htm

Kiddle, F. *What is philatelic literature?* www.norbyhus.dk/fipliterature/what.html

Linn's.com. www.linns.com

Meyer, W. G. *Hussey's private message post*. home.att.net/~cwts/oldart/nov99.htm

National Postal Museum. www.postalmuseum.si.edu

Philatelic Experts. www.geocities.com/Augusta/5525/experts.html

Rhoades, P. King of the Confederate Counterfeit. *The Kudzu Monthly*. www.kudzumonthly.com/kudzu/sep02/Kingof.html

Robert A. Siegel Auction Galleries, Inc. *Introduction to the Golden Collection*. www.siegelauctions.com/1999/817/817intro.html

Schouberechts, V. *Jean-Baptiste Moens 1833-1908 "Père de la Philatélie"*. www.soeteman.com/Pages/Moensen.html

Scott 1993 Standard Postage Stamp Catalogue. Sidney, OH, Scott Publishing Company, 1993.

Stamp2.com. *Distinguished Philatelists*. www.stamp2.com/community/distinguish/site/default.asp

Stamp2.com. *Stamp Facts*. www.stamp2.com/library/facts/site/default.asp

Stamps in Europe. *Red Pen cancelation on the first Belgian Stamps*. www.europeanstamps.net/articles/index.asp?ID=10

Talbot, P. *Victorian Englishmen Selling British Stamps in America*. www.paultalbot.com/GBPremium.htm

The British Philatelic Trust. *Who was who in British philately*. <http://www.ukphilately.org.uk/bpt/whowaswho/whowaswho-tu.htm>

The Royal Philatelic Society London. www.rpsl.org.uk/index.html

Van Capelleveen, B. F. *Edward Stanley Gibbons (1839 - 1913)*. <http://absfacts2.com/stampcollecting/data/9906gibbons.htm>

Selografia

Figura	País	Ano	Número do catálogo <i>Yvert et Tellier</i>
1	Bélgica	1973	1680
6	Bélgica	1849	2

Os primórdios da filatelia (1843-1870)

Henrique Bunselmeyer Ferreira
henrique@cbiot.ufrgs.br

Parte IV (final)

As primeiras publicações filatélicas

A literatura filatélica representa a forma de armazenamento do conhecimento acumulado a partir das atividades de coleção e estudo dos selos e da história postal. Ela é quase tão antiga quanto os próprios selos postais ou a atividade de colecioná-los, pois os primeiros filatelistas logo começaram a produzir artigos ou publicações especializadas. A preservação das primeiras publicações filatélicas deveu-se especialmente à existência de filatelistas também interessados em colecioná-las. Um dos mais destacados dentre esses filatelistas foi o americano John Kerr Tiffany (Figura 1). Ele começou a colecionar selos no final da década de 1850, quando estudava na França, e, a partir da década de 1860 decidiu começar a colecionar “todo e qualquer material impresso relacionado à filatelia”. Desse modo, ele acabou por montar uma biblioteca filatélica incomparável, dedicando-se também à sua catalogação. Em 1874, publicou *The Philatelic Library: A Catalogue of Stamp Publications*, uma listagem de todos os trabalhos filatélicos conhecidos, a maior parte dos quais encontrava-se representada na sua biblioteca. Nas duas décadas seguintes, ele continuou a escrever artigos e catálogos sobre sua biblioteca, sendo suas obras mais conhecidas a Parte 1 da *The Stamp Collector's Library Companion*, de 1889, e a sua *Addenda*, de 1890.



Figura 1 - John K. Tiffany (1843-1897).

Outro responsável pela preservação da história dos primórdios da literatura filatélica foi o inglês James Ludovic Lindsay, o 26º Duque de Crawford (Figura 2). Lindsay tornou-se colecionador de selos em 1898 e, quase que imediatamente, começou a formar uma importante biblioteca filatélica. Para tanto, ele passou a adquirir várias das mais importantes bibliotecas filatélicas da época, entre as quais a de John K. Tiffany (ver acima). Em 1901, a catalogação da biblioteca filatélica de Lindsay, que já era a maior existente no mundo, foi confiada a outro filatelista ilustre: Edward Denny Bacon (Figura 3). O trabalho de catalogação só foi concluído por Bacon em 1911 e incluiu não apenas um levantamento do material existente na *Crawford Library*, mas também a listagem adicional de toda bibliografia filatélica conhecida até então. O livro resultante desse trabalho é até hoje a obra mais importante a respeito dos primeiros 50 anos da literatura filatélica. O catálogo de Bacon foi inicialmente publicado em 1911, como o volume VII da *Bibliotheca Lindesiana*, sob o título *A Bibliography of the Writings General, Special and Periodical Forming the Literature of Philately (1911)*. Foram impressas 200 cópias, que foram distribuídas entre as bibliotecas e bibliófilos mais importantes da época. Posteriormente, Lindsay cedeu os direitos da obra à *Philatelic Literature Society*, que a publicou sob o título de *The Catalogue of the Philatelic Library of the Earl of Crawford, K.T. (1911)*. Esta segunda edição teve 300 cópias impressas, das quais 100 destinaram-se a membros da *Philatelic Literature Society* e 200 à comercialização.



Figura 2 - James Ludovic Lindsay (1847-1913), o 26º Duque de Crawford.



Figura 3 - Sir Edward Eddy Bacon (1860-1938), colecionador inglês responsável pela catalogação da Biblioteca Filatélica do Duque de Crawford, da qual foi curador. Bacon foi também curador da coleção de Thomas Tapling, quando da sua doação ao *British Museum* em 1891 (ver seção “Os primeiros colecionadores”, na Parte II), e da coleção do Rei George V, hoje chamada de *Royal Philatelic Collection* e parte do acervo da *The British Library Philatelic Collections*.

Após a morte de Lindsay, em 1913, a sua biblioteca filatélica foi doada, conforme seu desejo, ao *British Museum*, que a repassou à *British Library* em 1973, quando ela foi criada. Sob responsabilidade do *British Museum*, foi publicado um suplemento do catálogo, em 1926, e uma *Addenda*, em 1938. Uma edição revisada dessas três obras – o catálogo original (a cópia pessoal do próprio Bacon serviu de modelo), o seu suplemento e a sua *Addenda* – foi publicada pela *British Library*, em 1991. A edição revisada manteve os dois tipos de notas manuscritas encontradas na cópia de Bacon: as suas anotações pessoais e a numeração dos livros e de outros impressos que indica as suas respectivas posições nas prateleiras da *British Library*, informação acrescentada posteriormente por mãos anônimas.

A seguir, trataremos de algumas das obras impressas pioneiras da história da filatelia, que começaram a ser produzidas a partir da década de 1860. Serão comentados separadamente os primeiros catálogos, os primeiros periódicos e os primeiros álbuns, sem, obviamente, a pretensão de esgotar a listagem ou o assunto.

Os primeiros catálogos

Listas de preços de selos, publicadas em periódicos não-especializados, apareceram já na década de 1850. Entretanto, elas correspondiam a listas de disponibilidade de filatelistas ou comerciantes pioneiros, não sendo consideradas como verdadeiros catálogos. Os primeiros catálogos de selos, que efetivamente se preocupavam em compilar uma lista de todos os selos emitidos até então, só apareceram mais tarde, a partir de 1861.

O primeiro deles foi publicado por Oscar Berger-Levrault (ver seção “Os primeiros colecionadores”, na Parte II), em Estrasburgo, na França. Proprietário de uma grande gráfica, Berger-Levrault interessou-se por selos logo que eles surgiram, começando a colecioná-los ainda na década de 1840. A partir de 1858, ele tornou-se comerciante filatélico e iniciou o trabalho que deu origem ao seu catálogo. Berger-Levrault elaborou uma lista impressa de todos os selos conhecidos por ele e enviou-a a todos os seus clientes, solicitando a inclusão de informações adicionais e eventuais correções. Ele então complementou sua lista com as informações assim coletadas e, em 14 de setembro de 1861, publicou o seu catálogo, que se constitui na primeira publicação filatélica conhecida. A obra, da qual foram impressos 40 exemplares, era intitulada *Timbres-Poste* e descrevia 973 selos diferentes.

O segundo catálogo foi publicado por Alfred Potiquet, em Paris, em 21 de dezembro de 1861. Esse pequeno catálogo descritivo, intitulado *Catalogue des Timbres-Poste Créés dans les Divers Etats du Globe*, possuía 43 páginas. São conhecidos hoje apenas quatro exemplares, um deles na biblioteca da casa filatélica Corneille Soeteman S. A., de Bruxelas, Bélgica.

Algumas semanas depois, já em 1862, foi publicado aquele que é conhecido como o primeiro catálogo profissional do mundo. Ele foi editado por Jean-Baptiste Moens (ver seção “Os primeiros comerciantes de selos”, na Parte III), na Bélgica, com o título de *Manuel du Collectionneur de Timbre-Poste*, e teve, em sua primeira edição, 72 páginas. Na época, Moens acusou Potiquet de plágio, pois o catálogo publicado antecipadamente na França era praticamente idêntico ao que foi, logo depois, publicado na Bélgica. Ainda em 1862, o catálogo de Moens teve sua segunda edição, desta vez com 90 páginas mais duas páginas com um texto de sobre a origem dos selos postais. Também no mesmo ano, foi editado um suplemento de atualização deste catálogo, com 16 páginas. Também em 1862, foi publicada na França, mais precisamente em Paris, a primeira edição do catálogo de Alexandre Baillieu, intitulado *Guide de L'Amateur de Timbres-Poste*.

Na Inglaterra, em abril de 1862, Frederick William Booty (1841-1924), um artista de Brighton, publicou *Aids to Stamp Collectors - being a List of English and Foreign Stamps in Circulation since 1840*, baseado nos catálogos previamente publicados na França e na Bélgica. Em agosto do mesmo ano, uma versão revisada e ilustrada deste catálogo foi publicada sob o título de *The Stamp Collector's Guide*. Esta versão, que se constitui no primeiro catálogo ilustrado a ser publicado, possuía 48 páginas, quatro das quais de texto, e aproximadamente 200 ilustrações. Em setembro de 2002, um exemplar deste raro catálogo (somente duas cópias são conhecidas) foi a leilão na casa de leilões *Cavendish Philatelic Auctions Ltd.*, sendo arrematado pelo preço de £ 2.600,00, um recorde mundial para um

catálogo de selos. A alta valorização deste exemplar deveu-se ao fato dele estar completo, enquanto a única outra cópia conhecida, de propriedade da *British Library*, em Londres, não possui a capa. O exemplar leiloado foi encontrado por David Jefferies, um aficionado pela história da filatelia, no interior de um álbum de selos doado, junto a outros livros antigos, para a Paróquia de *St. Andrew and St. George*, de Edinburgh, Escócia, que os colocaria à venda.

Em maio, Mount Brown (ver seção “Os primeiros colecionadores”, na Parte II) publicou *Catalogue of British, Colonial, and Foreign Postage Stamps*, baseado na coleção de Francis John Stainforth. O catálogo de Booty é considerado, por vários autores, como o primeiro catálogo publicado na Inglaterra, pois o catálogo de Booty (ver acima) era uma compilação dos catálogos de Berger-Levrault e Potiquet. Da obra de Booty foram publicadas cinco edições, entre 1862 e 1864.

Ainda em 1862, foi editado, também na Inglaterra, o catálogo de John Edward Gray (ver seção “Os primeiros colecionadores”, na Parte II). O catálogo, intitulado *A Hand Catalogue of Postage Stamps*, era baseado em uma série de artigos que Gray havia publicado no periódico *Young England*. Este catálogo teve sete edições, as últimas delas (1870-1875) compiladas e editadas por George Overy Taylor (editor do *Stamp Collector's Magazine* a partir de 1867; ver seção “Os primeiros periódicos”) e por Alfred William Smith.

Na Alemanha, em Leipzig, os comerciantes filatélicos Zschiesche & Köder publicaram, em 1862, um catálogo de selos. Historicamente, mais importante do que esta edição do catálogo foi o seu suplemento com preços, publicado em julho de 1863 juntamente com o boletim da casa filatélica de Zschiesche & Köder, que se tornou o primeiro catálogo de selos com cotações a ser editado.

Em 1863, foi a vez do inglês Edward Stanley Gibbons (ver seção “Os primeiros comerciantes de selos”, na Parte III) publicar a primeira edição de seu catálogo. Este catálogo foi o precursor de muitos outros, que, até hoje, são publicados pela *Stanley Gibbons Publications Ltd.*, de Londres, constituindo-se em referências tanto britânicas como mundiais (ver www.stanleygibbons.com/catalogue/index.asp).

Também em 1863, foi publicado em Utrecht, na Holanda, o catálogo de W. F. Dannefelser, sob o título de *Vade-Mecum voor verzamelaars van postzegels (algemeene naamlijst van al de in de verscillende staten aangenomen postzegels)*. O catálogo de Dannefelser (Figura 4) foi baseado na segunda edição do catálogo de Moens (ver acima) e se constitui, hoje, em uma obra extremamente rara, da qual apenas três exemplares são conhecidos.

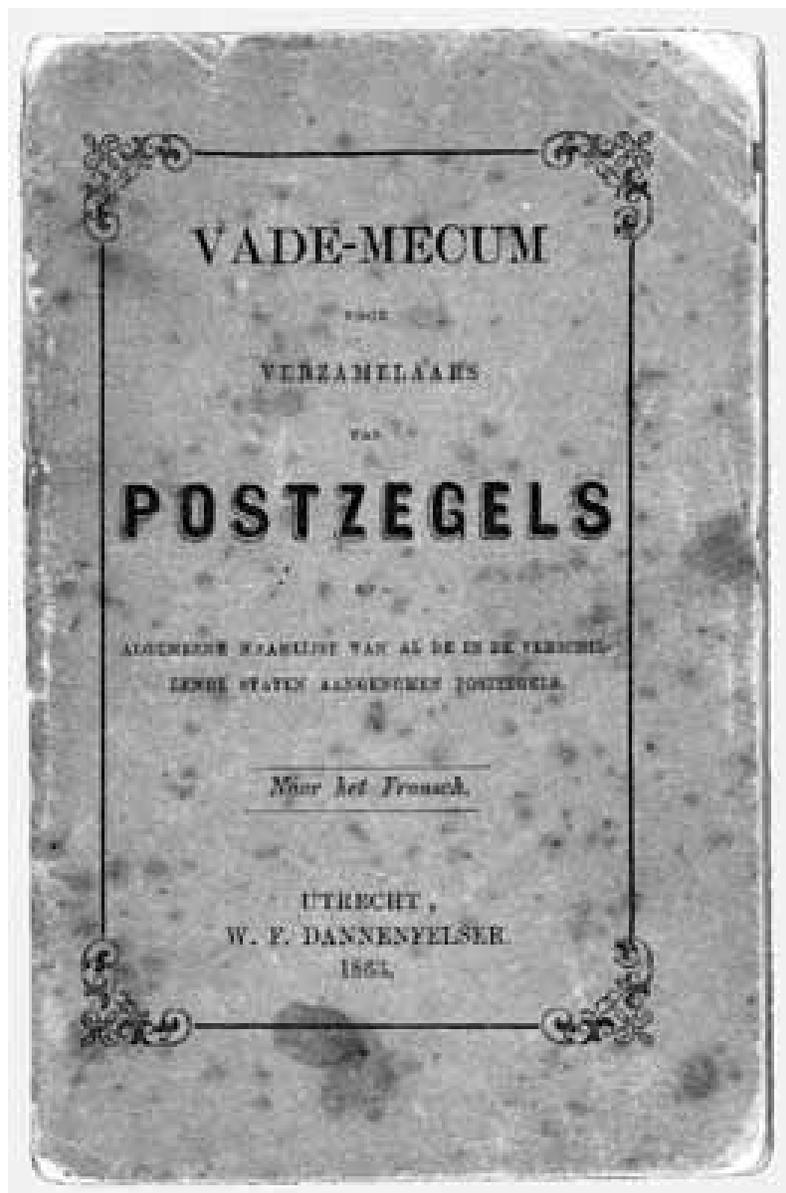


Figura 4 – O *Vade-Mecum voor verzamelaars van postzegels*, de W. F. Dannefelser, publicado na Holanda, em 1863.

Moens, na Bélgica, também foi responsável, em 1864, pelas publicações de um catálogo ilustrado e um catálogo em inglês. O seu catálogo ilustrado (Figura 5) foi publicado sob o título de *Nomenclature générale de tous les Timbres-Poste émis à ce jour dans les divers pays de l'Univers (1840/64)*. Ele possuía 148 páginas, das quais 54 eram ilustradas com imagens dos selos, que foram gravadas por P. Schmitz and F. Deraedemaeker. A versão em inglês deste catálogo, também com 148 páginas, teve o título de *Postage Stamps illustrated Catalogue*. A tradução do francês para o inglês foi feita por Charles William Viner (ver seção “Os primeiros colecionadores”, na Parte II) e a distribuição da obra ficou a cargo de Grumel & Michel, de Londres.



Figura 5 – O catálogo ilustrado de Moens, intitulado *Nomenclature générale de tous les Timbres-Poste émis à ce jour dans les divers pays de l'Univers* (1840/64). Ele foi publicado na Bélgica, em 1864.

Em 1864, foi editado, além da terceira edição do catálogo de Zschiesche & Köder, intitulada *Katalog über die Seit bis Ende März 1864*, o primeiro catálogo italiano, sob o título de *Guida di Tutti i Francobolli Emessi dal 1840 alla Fine di Giugno 1864*. Este catálogo de 36 páginas foi publicado em Florença, por G. Brecker. No mesmo ano, foram ainda publicados, o *Guida Manuale far Collezione di Francobolli*, de 26 páginas, também em Florença, e, em Paris, a segunda edição do *Guide de L'Amateur de Timbres-Poste*, de Alexandre Baillieu.

Dois outros grandes comerciantes filatélicos pioneiros (ver seção “Os primeiros comerciantes de selos”, na Parte III), Arthur Maury, na França, e John Walter Scott, nos Estados Unidos, também publicaram catálogos de selos nos primórdios da filatelia. A primeira edição do *Catalogue complet des timbres-poste*, de Maury, foi publicada em 1865, tornando-se, na época, a referência para colecionadores e comerciantes. Neste catálogo já constavam, por exemplo, ilustrações de emissões locais americanas. A primeira edição do hoje mundialmente famoso *Scott Standard Postage Stamp Catalogue* surgiria mais tarde,

em 1868, sob o título de *A Descriptive Catalogue of America and Foreign Postage Stamps, Issued from 1840 to Date*.

Os primeiros periódicos

Um resumo dos primeiros periódicos filatéticos a serem publicados é apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 – Os primeiros periódicos filatéticos

Título do periódico	Editor	Local de publicação	Data de início da publicação
The Monthly Intelligencer	W. Macmillan	Birmingham, Inglaterra	Setembro de 1862
The Monthly Advertiser	Edward Moore and Co.	Liverpool, Inglaterra	15 de dezembro de 1862
The Stamp Collector's Magazine	Charles William Viner e George Overy Taylor	Bath, Inglaterra	1º de fevereiro de 1863
Le Timbre-Poste – Journal du Collectionneur	J. B. Moens e Lucian François Hanciau	Bruxelas, Bélgica	15 de fevereiro de 1863
Le Collectionneur de Timbres-Poste	Arthur Maury	Paris, França	15 de julho de 1864
The Stamp Collector's Record	Samuel Allan Taylor	Montreal, Canadá	15 de fevereiro de 1864
Le Timbrophile – Journal de la Collection Timbro-Postale	Pierre Mahé	Paris, França	15 de novembro de 1864
The Stamp Collector's Record (série americana)	Samuel Allan Taylor	Albany, NY, USA	Dezembro de 1864

O primeiro periódico a apresentar conteúdo filatélico foi o *Monthly Intelligencer*, de Birmingham, Inglaterra. Ele teve 10 números publicados, entre setembro de 1862 e 1º de julho de 1863. Provavelmente a partir de seu sétimo número, ele passou a ser distribuído com o nome de *Monthly Intelligencer and Controversialist*.

Como o conteúdo do *Monthly Intelligencer* era apenas parcialmente filatélico, o título de primeiro periódico exclusivamente filatélico cabe ao *The Monthly Advertiser*, publicado em Liverpool, Inglaterra, entre 15 de dezembro de 1862 e 15 de junho de 1864 (19 números). De seu segundo número, publicado em 15 de janeiro de 1863, até o seu 13º número ele foi denominado de *The Stamp Collector's Monthly Advertiser* e, a partir de seu décimo quarto número (de 15 de fevereiro de 1863), de *The Stamp Collector's Review and Monthly Advertiser*.

O *The Stamp Collector's Magazine* teve 144 números publicados, entre 1º de fevereiro de 1863 e 1º de dezembro de 1874. Os seus 47 primeiros números foram editados por Charles William Viner (ver seção “Os primeiros colecionadores”, na Parte II) e os

restantes, a partir de 1867, por George Overy Taylor (1845-1904). A revista começou a ser publicada em Bath, Inglaterra, por Stafford Smith and Smith e, depois, passou a ser publicada por Alfred Smith and Co., de Bath, e por E Marlborough and Co., de Londres.

O *Le Timbre-Poste – Journal du Collectionneur* foi o primeiro periódico filatélico belga e também o primeiro a ser publicado em língua francesa. Ele foi inicialmente editado por Jean Baptiste Moens e, depois, por Moens e Lucian François Hanciau, seu cunhado e sócio (ver seção “Os primeiros comerciantes de selos”, na Parte III). Este periódico teve 456 números publicados, entre 15 de fevereiro de 1863 e 1º de dezembro de 1900.

Na França, o primeiro periódico filatélico foi o *Le Collectionneur de Timbres-Poste*. Este periódico, editado inicialmente por Arthur Maury sócio (ver seção “Os primeiros comerciantes de selos”, na Parte III) e, depois, por M. Maury Fils., teve 314 números publicados, entre 15 de julho de 1864 e 1º de dezembro de 1906.

Também em 1864, começou a ser publicado na França o *Le Timbrophile – Journal de la Collection Timbro-Postale*, editado por Pierre Mahé sócio (ver seção “Os primeiros comerciantes de selos”, na Parte III). Este periódico teve 84 números publicados, entre 15 de novembro de 1864 e 30 de dezembro de 1871. Sucedeu a este periódico a *Gazette des Timbres*, do mesmo editor.

Nos Estados Unidos, os periódicos filatélicos *Stamp Dealers’ and Collectors Journal* e *U. S. Gazeteer* foram anunciados em jornais da época, respectivamente, em 1863 e em 1864. Apesar disso, estes periódicos jamais chegaram a ser efetivamente publicados. Assim, o título de primeira publicação filatélica da América do Norte coube ao *The Stamp Collector’s Record*, publicado no Canadá por Samuel Allan Taylor (ver seção “As primeiras falsificações”, na Parte III). Em sua versão canadense, o *The Stamp Collector’s Record* teve apenas dois números publicados, em fevereiro e março de 1864. Do primeiro número (Figura 6), duas cópias são hoje conhecidas, uma delas mantida na *United States National Library* e outra no *Canadian Postal Museum*. Ele continha apenas quatro páginas, que consistiam principalmente de anúncios comerciais. Além disso, ele continha duas notas curtas que tratavam de falsificações filatélicas, o que é curioso, pois Taylor viria a tornar-se um dos falsários mais conhecidos de sua época. Do segundo número do *The Stamp Collector’s Record* não resta hoje qualquer exemplar conhecido. Apenas cinco ou seis cópias dele circularam, sendo as restantes destruídas.

Taylor mudou-se, no verão de 1864, para Albany, NY, nos Estados Unidos, onde começou, a partir de dezembro daquele ano a publicar a série americana do *The Stamp Collector’s Record*. Ele tornou-se, assim, o primeiro periódico filatélico americano. Esta série americana do periódico de Taylor teve 42 números publicados (números 3 ao 44), até outubro de 1876. Os números 9 a 40 foram publicados em Boston e o número 44 foi publicado em Nova Iorque, enquanto os demais foram publicados em Albany.



Figura 6 – O primeiro número do *The Stamp Collector's Record*, publicado em 15 de fevereiro de 1864.

Os primeiros álbuns

Já nos primórdios da filatelia, os colecionadores começaram a utilizar livros ou cadernos para organizar seus selos e fazer as anotações correspondentes. Inicialmente, os selos eram diretamente colados às páginas, sem preocupação com a preservação da goma original de exemplares novos ou com a eventual necessidade de exame do verso das peças. Mais tarde, com o interesse em variedades de papel, goma e filigrana, começaram a ser utilizadas as charneiras, como discutido na seção “A metodologia inicial” (Parte II). No início da década de 1860, os álbuns artesanais começaram a dar lugar aos álbuns impressos, elaborados por comerciantes filatélicos e/ou editores. A maioria dos autores concorda que os primeiros álbuns impressos surgiram na segunda metade de 1862. Como vários álbuns foram publicados nesse mesmo período e há relativamente poucas informações sobre eles e os seus respectivos autores/editores, restam, até hoje, dúvidas sobre qual deles efetivamente foi o primeiro.

Um dos primeiros álbuns de selos a ser publicado foi o de Justin Lallier (1823-1873), um arqueologista e comerciante de selos em Paris. O álbum de Lallier (Figura 7), intitulado *Album Timbres Poste*, teve a sua primeira edição publicada em agosto de 1862. Ele continha espaços designados para 1200 selos-tipo, não considerava qualquer variedade e não era ilustrado. Os espaços destinados aos selos eram demasiadamente pequenos, o que levava os colecionadores incautos a apararem picotes ou margens, para evitar

sobreposições. Isso acabou por determinar a danificação de muitos exemplares preciosos. Apesar das limitações, o álbum de Lallier foi um sucesso instantâneo, vendendo pelo menos sete edições nos seus primeiros cinco anos de existência. No total, ele teve 14 edições, sendo a última delas em 1876, já após a morte de Lallier. Além das edições em francês, esse álbum também teve versões publicadas em inglês (ainda em 1862, sendo o primeiro álbum em língua inglesa), em alemão e em espanhol.



Figura 7 - O álbum de Lallier, publicado em agosto de 1862.

Outro álbum pioneiro francês foi o de Laplante, que, segundo alguns autores, teria antecedido ao de Lallier. Entretanto, há fortes evidências de que ele teria sido publicado, na realidade, meses mais tarde, no final de 1862. Além disso, a grande semelhança com o álbum de Lallier sugere que o álbum de Laplante foi uma mera cópia, ainda assim de qualidade bastante inferior. Há também registros vagos de um suposto álbum editado por E. Requard, um comerciante filatélico parisiense conhecido na década de 1860. O álbum de Requard teria sido contemporâneo dos de Lallier e Laplante, mas não existe hoje qualquer exemplar preservado que comprove sua existência.

Outro álbum francês historicamente importante foi o de Arthur Maury (ver seção “Os primeiros comerciantes”, na Parte III), intitulado *Timbres-Poste Album*. Na sua edição de 1868 foi proposta, pela primeira vez, a utilização de charneiras para fixação dos selos no álbum.

Na Alemanha, o primeiro álbum de selos foi publicado em Leipzig, por um certo Ludwig. Embora para alguns o álbum de Ludwig seja considerado um antecessor do de Lallier, há registros que indicam que ele só foi publicado no final de 1862. O segundo álbum alemão foi publicado logo em seguida pelo livreiro G. Wuttig, proprietário dos *Literarischen Museums*, também em Leipzig. Os álbuns de Ludwig e Wuttig foram inicialmente bastante populares, mas foram acabaram sendo suplantados por outros que apareceram posteriormente.

Em 1864, Wuttig vendeu os direitos de publicação de seu álbum para Gustav Bauschke, que, entre 1864 e 1868 publicou o *G. Bauschke Briefmarken Album* (Figura 8). Os direitos desse álbum foram novamente vendidos no verão de 1868, dessa vez para Julius Krümmel.



Figura 8 - O *G. Bauschke Briefmarken Album*, publicado entre 1864 e 1868

No ano seguinte, Bauschke entrou novamente em cena, depois de conhecer o colecionador Alfred Moschkau. Moschkau era então possuidor de uma coleção universal de selos praticamente completa, a qual era organizada em ordem cronológica e em folhas

soltas. Baseado nessa organização, Bauschke elaborou e acabou por lançar um novo álbum, contando com a ajuda do livreiro Eduard Wartig, seu amigo, que foi o editor da obra. Esse álbum, publicado em 1871, foi batizado de “Schaubek”. A marca Schaubek, um anagrama do nome de Bauschke, persiste até os dias de hoje e a empresa *Schaubek-Verlag Leipzig* é uma conceituada editora de álbuns de selos.

Em 1863, na Bélgica, foi a vez de Jean-Baptiste Moens (ver seção “Os primeiros comerciantes”) emitir o seu primeiro álbum. O álbum de Moens, cujo preço de venda à época era de 18 francos belgas, era de qualidade muito superior à de seus antecessores e teve 15 edições até 1886.

Na Inglaterra, o primeiro álbum a ser publicado foi o *Oppen’s Postage Stamp Album* (Figuras 9 e 10). Ele foi publicado em 1866, por um certo Stevens, que era provavelmente um comerciante filatélico londrino. Antes da publicação do álbum Oppen’s, os colecionadores ingleses utilizavam álbuns franceses, alguns deles publicados com texto (ou apenas títulos) em Inglês, como a versão em Inglês do álbum de Lallier (ver acima), ou alemães, que apresentavam o texto em duas línguas (alemão e inglês). O álbum Oppen’s logo se tornou popular e tomou conta do mercado britânico, pelo menos até o surgimento de seus competidores, o álbum Mulready, também em 1866, e os álbuns de Alfred Smith & Co. e de Stanley Gibbons & Co., poucos anos depois.

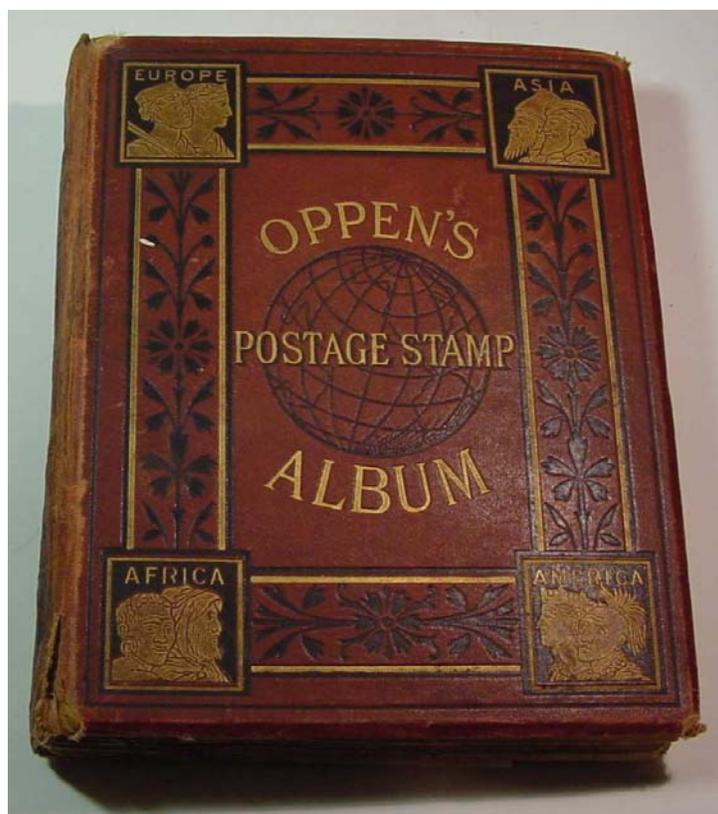


Figura 9 - O *Oppen’s Postage Stamp Album*, publicado na Inglaterra em 1866.



Figura 10 - O interior do *Oppen's Postage Stamp Album* mostrando páginas referentes à Grã-Bretanha e à Irlanda

Nos Estados Unidos, o valor dos álbuns impressos para os filatelistas foi logo reconhecido pelos poucos comerciantes em atividade no início da década de 1860, que importaram quantidades consideráveis dos álbuns franceses de Lallier e Laplante entre 1862 e 1863. Os primeiros álbuns americanos foram os da famosa editora nova-iorquina da época, D. Appleton & Co., publicados em 1862 e 1863. O primeiro deles, elaborado de maneira apressada e num formato mal-compilado, foi publicado provavelmente em dezembro de 1862. Esse álbum era pequeno o suficiente para ser carregado no bolso e continha espaço para menos de 1000 selos. Seguiu-se, no início de 1863, um segundo álbum, geralmente considerado como uma segunda edição do mesmo álbum, que era maior e bem melhor elaborada que a primeira. Essa segunda edição é freqüentemente confundida como sendo o primeiro álbum publicado nos Estados Unidos. Ela foi impressa no mesmo papel barato, de baixa qualidade, da primeira e apresentava ilustrações (de mapas e brasões) provavelmente aproveitadas de compêndios de geografia previamente publicados pela editora. Os países apareciam organizados por continente e, no início do espaço destinado a cada país, constavam informações, como área, população e o nome da maior cidade. Havia também uma breve lista dos selos emitidos por cada país, à qual se seguiam os espaços demarcados para os selos, de tamanho suficiente para que eles fossem afixados ao álbum sem necessidades de terem as bordas ou picotes aparados. O álbum tinha capacidade para mais de 4000 selos, arranjados em 24 selos por página, e era comercializado por 3 dólares, uma soma considerável para a época. Algumas fontes bibliográficas citam John Walter Scott (ver seção “Os primeiros comerciantes”) como sendo o autor das duas edições do álbum da D. Appleton & Co., mas o próprio Scott, que só viria a estabelecer-se nos Estados Unidos em 1863, jamais reivindicou esta autoria.

Em 1863 ou 1864, foi publicado em Boston, pela editora W. H. Hill & Co., um álbum de qualidade muito superior ao da D. Appleton & Co. O autor do álbum da W. H. Hill & Co. foi M. Bennett Jr., de Hartford, Connecticut, que não mais se envolveu com filatelia depois disso. Esse álbum era organizado por países e continha espaço para 3000 selos, número considerado pelos editores “suficiente para cobrir todas as emissões passadas, presentes e futuras”, o que se mostrou um grande erro de avaliação. Ele foi comercializado à época, por 3 dólares com o adicional de 25 cents. para envio pelo correio. Uma segunda edição do álbum da W. H. Hill & Co., revisada por S. Allan Taylor (ver seções “As primeiras falsificações” e “As primeiras publicações”), foi publicada em 1865. Entretanto, o trabalho de revisão dessa obra foi tão negligente que isso resultou nos erros mais graves já vistos na história da publicação de álbuns de selos.

Também em 1865, Williard K. Freeman, de Nova Iorque, publicou um álbum de selos. O álbum de Freeman jamais alcançou grande popularidade e pouca informação existe a respeito dele. Sabe-se que ele tinha uma bonita apresentação, mas era bastante incompleto.

Os álbuns da D. Appleton & Co., da W. H. Hill & Co. e de Freemans foram os mais utilizados nos Estados Unidos até 1868, quando John Walter Scott publicou a primeira edição de seu *The American Postage Stamp Album*. O surgimento do álbum de Scott e a sua grande aceitação, acabaram por determinar a retirada do mercado de seus outros três principais concorrentes. Embora muito similar ao álbum da D. Appleton & Co., chegando a ser considerado uma imitação, o *The American Postage Stamp Album* era de muito melhor qualidade. Ele foi impresso em papel de qualidade superior e tinha espaço para todos os selos emitidos até 1868, enquanto o álbum da D. Appleton & Co. só tinha espaço reservado aos selos emitidos até 1863. O *The American Postage Stamp Album* teve quatro edições, em anos consecutivos, até 1871. A partir de 1872, aquela que seria a quinta edição passou a chamar-se *Common Sense Stamp Album* e foi o primeiro álbum de Scott a ter ilustrações.

As primeiras sociedades filatélicas

A primeira associação a congregar colecionadores de selos foi o *Omnibusclub*, fundado em 1856, nos Estados Unidos. Este clube, contudo, não era exclusivo de filatelistas. O título de primeira sociedade exclusivamente filatélica caberia, portanto, à *Société Philatélique de Paris*, fundada em 1865 por diversos filatelistas parisienses, entre os quais Jacques Amable Legrand (ver seção “Os primeiros colecionadores”, na Parte II). Esta sociedade teve vida curta, sendo extinta dois anos depois. A *Société Française de Timbrologie*, só seria fundada mais tarde, em 1874, também em Paris.

Em 1867, foi fundada a *The New York Philatelic Society*, nos Estados Unidos. Esta sociedade foi também efêmera, encerrando suas atividades em 1869.

Na Inglaterra, a *The Philatelic Society, London*, foi fundada em 10 de abril de 1867, por filatelistas como Daniel Cooper (seu primeiro presidente), Frederick A. Philbrick, W. Dudley Atlee, Charles W. Viner e Edward L. Pemberton (ver seção “Os primeiros colecionadores”). Ela existe até hoje, com o nome de *The Royal Philatelic Society London*. O uso do prefixo *Royal* foi autorizado pelo Rei Edward VII, em 1906.

Na Alemanha, a primeira sociedade filatélica foi o *Süddeutsche Philatelistenverein*. Ela foi fundada em 1869, em Heidelberg.

Os primórdios da filatelia no Brasil

São escassos os registros sobre os primórdios na filatelia no Brasil, conseqüência, talvez, do seu início mais tardio ou de um menor número de colecionadores, comerciantes especializados ou outros interessados no assunto. Assim, praticamente não há qualquer informação disponível sobre as primeiras três décadas após a emissão dos Olhos-de-Boi, justamente o período ao qual é dedicada a presente série de artigos. Entretanto, para não deixarmos de registrar alguns fatos marcantes dos primórdios da filatelia brasileira, incluímos aqui informações referentes ao período compreendido entre 1870 e o início do século XX.

A primeira alusão à coleção de selos brasileiros foi registrada por Roberto Thut, no seu “Catálogo Thut de Sellos Postaes do Brasil – Guia Practico do Philatelista Brasileiro”, publicado em 1934. Lá, Thut apresenta a transcrição de duas cartas encontradas em Londres, que registram o interesse de Thomas Corbald em colecionar os Olhos-de-Boi brasileiros ainda em 1844. Na primeira carta, Juan Mendoza y Madrayag, residente em Caxias do Sul, RS, diz a Corbald ter sido informado, pelo funcionário dos correios, da necessidade de quatro selos de 90 rs. (Olho-de-Boi, RHM n° 3) para a franquia de correspondência para a Inglaterra. Na segunda carta, Corbald informava a Mendoza y Madrayag que havia começado a colecionar selos e que estava procurando obter as novas emissões de diferentes países. Dizia também que havia guardado todos os selos brasileiros recebidos com as cartas de Mendoza y Madrayag. Isso coloca Corbald como um dos primeiros colecionadores de selos brasileiros.

O primeiro colecionador brasileiro do qual se tem registro foi Luiz H. Levy, ativo já na década de 1870. Levy teria sido também o primeiro comerciante filatélico brasileiro, embora sua atividade comercial fosse exercida informalmente, em um estabelecimento comercial na Rua da Imperatriz n° 34, em São Paulo, de propriedade de seu pai. Nessa loja, que vendia instrumentos musicais, Levy trocava e vendia selos para um pequeno núcleo de filatelistas paulistanos que lá se reuniam. Levy foi também o responsável, em janeiro de 1882, pela publicação do primeiro periódico filatélico brasileiro, “O Brazil Philatelico” (Figura 11). Cada edição de “O Brazil Philatelico” tinha 8 páginas (quatro de capa), cada uma delas com duas colunas de texto. O periódico teve apenas três números publicados, o último deles em março de 1882, em função da falta de pagamento por parte dos seus assinantes.

Em 11 de março de 1884 foi publicado, também em São Paulo, o periódico “O Philatelista”. Seus redatores e proprietários eram os irmãos Carlos e José Machado de Oliveira, que não permitiam a publicação de artigos que não fossem redigidos em termos considerados “comedidos” ou que abordassem questões pessoais. Esse periódico tinha apenas quatro páginas, cada uma delas com duas colunas de texto. Um exemplar de sua edição de número seis, correspondente ao mês de novembro de 1894, encontra-se na biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.



Figura 11 – A edição de número 2 de “O Brazil Philatelico”, de fevereiro de 1882.

Foram também periódicos filatélicos pioneiros no Brasil “O Philatelico”, do Ceará, “O Philatelista”, do Rio Grande do Sul, a “Gazeta Postal”, do Pará, e o “Brazil Philatelico”, do Rio de Janeiro. O periódico “O Philatelico” começou a circular em 1889, em Fortaleza. Ele era impresso na tipografia de Henrique Alves & Cia. O periódico “O Philatelista” surgiu em 1888, em Porto Alegre. A “Gazeta Postal” começou a ser publicada em 1889, em Belém, sendo dirigida por funcionários dos correios. Seu conteúdo era parcialmente filatélico, sendo também um veículo para divulgação e propaganda dos serviços postais. Seus redatores eram Raul de Azevedo e Licínio Silva. O periódico “Brazil Philatelico” (Figura 12) começou a circular em 31 de janeiro de 1892, sob a direção de Remígio de Bellido, na cidade de Campos. Ele era mensal e teve um total de 23 números publicados.

O primeiro clube filatélico brasileiro foi fundado em 4 de fevereiro de 1886, no Rio de Janeiro. Ele chamava-se *Bayerischer Philatelisten Verein*, fundado por imigrantes alemães. Dentre os imigrantes alemães que impulsionaram a filatelia brasileira em seus primórdios estava Augusto Geisel, pai do ex-Presidente da República (entre 1974 e 1978) Ernesto Geisel. Augusto Geisel iniciou a sua coleção de selos ainda na Alemanha, continuando as suas atividades filatélicas no Brasil. Ele foi um dos fundadores, em 1931, da Sociedade Filatélica Rio-Grandense.

Bem antes da fundação da Sociedade Filatélica Rio-Grandense, em 24 de junho de 1887, foi fundado o “Club Philatelico Porto Alegrense”, em Porto Alegre. Em Fortaleza, foi fundado, em 1891, o “Grêmio Philatelico do Ceará”, conforme foi noticiado pelo “Brasil Postal”, uma revista do próprio Correio do Rio de Janeiro, cujo secretário era o filatelista cearense João Thomé de Sabóia. Sabóia seria, mais tarde, Senador da República e, depois, Governador do Ceará.



Figura 12 – A edição de número 1 do “Brazil Philatelico”, publicada em Campos, RJ, em 31 de janeiro de 1882.

A primeira casa filatélica formalmente estabelecida no Brasil foi a J. Costa & Filhos, fundada em 1890, na cidade do Rio de Janeiro. Ela funcionou inicialmente na Rua do Rosário nº 65 e somente veio a encerrar suas atividades na década de 1980, quase cem anos após a sua fundação. Um anúncio da casa J. Costa & Filhos, publicado no “Rio Grande Filatélico” em 1932 é mostrado na Figura 13. Uma iniciativa pioneira da casa J. Costa & Filhos era a realização de levantamentos estatísticos periódicos das atividades filatélicas no Brasil, visando à identificação da quantidade de colecionadores, de clubes filatélicos e de periódicos especializados. Segundo um destes levantamentos, realizado em 1927, o Brasil tinha 8.833 filatelistas (a população do país na época era de 35 milhões de pessoas).



Figura 13 – Anúncio da Casa Filatélica J. Costa & Filhos, publicado na edição de nº 2 do Rio Grande Filatélico, em janeiro de 1932.

Em relação a exposições filatélicas no Brasil, acredita-se que tenham ocorridas algumas, de caráter particular ainda antes do final do século XIX. Entretanto, a primeira exposição filatélica oficial só viria a ocorrer no início do século XX. Ela aconteceu em 6 de julho de 1902, em Porto Alegre, nos salões da Sociedade Leopoldina. A exposição foi promovida pela União Filatélica Brasileira, que, na época, era presidida por Nissim Abudaram, o qual, posteriormente, estabeleceu-se como comerciante filatélico na França, em Paris. Constituíram a comissão julgadora dessa exposição os filatelistas Arnaldo Barbedo, Pedro Brusque de Abreu e João Jacques de Seixas.

Referências bibliográficas (Parte IV)

Almeida, C. A. F. & Vasquez, P. K. Selos Postais do Brasil. São Paulo, Metalivros, 2003. 231 pp.

Araújo, F. F. A imprensa filatélica. *Mosaico*, 39: 105-107, 2003.

Abadal, J. *Diccionario Filatélico*. Tárrega (Espanha), 1973.

Bacon, E. D. *The Catalogue of the Philatelic Library of the Earl of Crawford, K.T (1911)*. Revised Edition. Londres, Printer's Stone Ltd., 1991.

Caurat, J. *ABC da Filatelia*. Lisboa, 1979.

Ferreira, H. B. A palavra filatelia: etimologia e história. *Rio Grande Filatélico*, 28: 44-51, 2003.

Melville, F. J. *Stamp Collecting*. Kent, Hodder & Stoughton Ltd., 1973

Ronna, F. Filatelismo. *Rio Grande Filatélico*, 1: 12-14, 1931.

Serrano Pareja, A. *Coleccionismo de Sellos*. Madrid, 1979.

Sociedade Filatélica Rio Grandense. Quem foi o primeiro?. *Rio Grande Filatélico*, nº 2: 62-63, 1932.

Sociedade Philatelica Paulista. A primeira revista filatélica no Brasil – Uma enquête, contribuição ao histórico da philatelia no nosso país. *Boletim da Sociedade Philatélica Paulista*, no. 2: 13-14, 1926.

The Royal Philatelic Society London. *The Royal Philatelic Society London 1869-1969*. Glasgow, Robert Maclehose & Co. Ltd., 1969.

Referências eletrônicas (Parte IV)

American Philatelic Society. www.stamps.org

Apfelbaum Philatelic Library. *Death of M. Oscar Berger-Levrault*. www.apfelbauminc.com/library.htm

APS Hall of Fame. www.stamps.org/Almanac/alm_HallofFame.htm

AskPhil. *Glossary of Stamp Collecting Terms*. www.askphil.org/b25.htm

Baum, B. *Stamps & Philately Part III: Collecting Stamps*. www.auctionusers.org/newsletter/0008-stamps.shtml

Brisebois, M. *From the Rare Book Collection. S. Allan Taylor (1838-1913)*. National Library News, Canada. www.nlc-bnc.ca/9/2/p2-9903-01-e.html

Cavendish Auctions. www.cavendish-auctions.com

Corneille Soeteman S. A. *Bibliothèque*. www.soeteman.com/Pages/Biblio.html

Europeanstamps.net. Articles: Very old catalogue auctioned. www.europeanstamps.net/articles/index.asp?ID=117

Filahome Stamp Collecting Encyclopaedia. www.absofacts2.com/sce/intro.htm

Ghiglione 1885. www.ghiglione1885.com

Glassine Surfer. www.glassinesurfer.com

Hahn, C. M. *Intertwining of Philatelic and Social History*. U.S. Philatelic Classics Society, New York Chapter, 2000. www.nystamp.org

Harvengt, C. *Jean-Baptiste Moens*. student.ulb.ac.be/~charveng/moens/biograph.htm

Kiddle, F. *What is philatelic literature?* www.norbyhus.dk/fipliterature/what.html

Linn's.com. www.linns.com

Maison Williame. *Résultats vente 222-223 février 2003*.
www.williams.com/vp222/vp222-82.htm

National Postal Museum. www.postalmuseum.si.edu

Nowlan, M. O. *George Stewart, Stamp Literature Pioneer*.
www.psestamp.com/articles/article900.chtml

Philatelic Experts. www.geocities.com/Augusta/5525/experts.html

Quackenbush, L. G. *The Evolution of the Stamp Album, from Lallier to Mekeel*.
www.apfelbauminc.com/library/Evolution.htm

Schaubek Verlag Leipzig. *The History*. www.schaubek.de/english/geschichte/

Schouberechts, V. *Jean-Baptiste Moens 1833-1908 "Père de la Philatélie"*.
www.soeteman.com/Pages/Moensen.html

Scott 1993 Standard Postage Stamp Catalogue. Sidney, OH, Scott Publishing Company, 1993.

Stamp2.com. *Distinguished Philatelists*.
www.stamp2.com/community/distinguish/site/default.asp

Stamp2.com. *Stamp Facts*. www.stamp2.com/library/facts/site/default.asp

The Ambassadors Research Foundation. The Ambassadors Stamp Club "Omnibusclub".
The Ambassadors Online Magazine, vol. 6, nr. 1, Jan. 2003.
<http://ambassadors.net/archives/issue13/features.htm>

The British Philatelic Trust. *Who was who in British philately*.
<http://www.ukphilately.org.uk/bpt/whowaswho/whowaswho-tu.htm>

The Frasers. Hidden Treasure. *Nessie's Loch Ness Times*, nr. 303, 26/10/2002.
www.thefrasers.com/nessie/news/nesspapr102602.html

The Royal Philatelic Society London. www.rpsl.org.uk/index.html

Thut, Roberto. *Catálogo Thut de Sellos Postaes do Brasil – Guia Practico do Philatelista Brasileiro*. São Paulo, Tipografia das Flores, 1934. 336 pp. il.